

**CASOS
DEVIDA
OU
MORTE**



**NELSON
COELHO**



Casos de vida ou morte

Nelson Coelho

www.nelsoncoeholiteratura.com.br

Digitalização: João Guilherme Caldas Steinstraesser

“A solução do problema da vida está na inexistência do chamado problema da vida. (E não é essa a razão porque, quando tudo fica claro, após longas dúvidas sobre o sentido da vida, não se consegue dizer em que consiste esse sentido?)”

Wittgenstein

Desenhos, em sumi-e:
Aycilma Caldas

ÍNDICE

| | |
|------------------------------------|----|
| A COISA MAIS IMPORTANTE | 6 |
| DE PASSARINHO E DE GAIOLA..... | 11 |
| CASO DE AMOR | 19 |
| BUROCRACIA..... | 24 |
| DUAS BOLAS DE AR..... | 28 |
| COMO GANHAR A VIDA..... | 36 |
| AS DUAS MÁSCARAS..... | 42 |
| A IMITAÇÃO DE CRISTO | 46 |
| IR OU FICAR? I..... | 50 |
| IR OU FICAR II..... | 54 |
| IR OU FICAR? III..... | 64 |
| OS DOIS CHIFRES DO UNICÓRNIO | 68 |
| AMOR À VIDA | 71 |
| ESSAS COISAS..... | 76 |
| A METAMORFOSE DO NARCISO..... | 80 |
| DEPOIS DA TEMPESTADE | 86 |
| O PRIMEIRO HOMEM..... | 88 |
| PENSADOR..... | 94 |

A COISA MAIS IMPORTANTE

Na parede em frente há um pequeno prego onde já estive pendurado um desenho, estou olhando para o prego, o pai e a mãe estão olhando para a televisão.

O prego é apenas um ponto de nada na parede branca, ninguém sabe que ele existe.

Acho que é porque atualmente não tem nenhuma utilidade e mesmo antes quando segurava o quadro ninguém parecia saber que ele estava lá fazendo alguma coisa. Sei lá, acho que as coisas só existem quando estão dando ou pedindo algo para nós. É, acho que é assim.

Perto do prego estamos nós três e os móveis desta sala, todos indiferentes a ele. Não sendo assunto de nossos sentimentos, nunca chegou a existir. É isso sim, só pensamos existir uma coisa quando ela pode ser transformada em sentimento. Só nossos sentimentos existem, que loucura! Aquele prego só passou a existir porque agora estou morrendo de tédio? Ou será por que meus pensamentos precisam ficar pensando em alguma coisa? O medo de ficar sozinha me liga ao prego e me ligo a ele como último contato com o chamado' mundo exterior?

Não aguento mais ler, nem pensar, nem ver essa maldita televisão. . . nem olhar mais para esse estúpido prego sem sentido!

— Mamãe, posso tirar aquele prego ali na parede?

— Mas para que, minha filha?

Mamãe, sempre chorosa, é insuperável nessa diabólica arte maternal de misturar piedade com repressão.

— É que estou com ódio daquele maldito prego!

Então papai, sempre cansado de viver, levantou a cabeça, acho que estava meio dormindo, e disse, fingindo interesse pelo meu problema :

— O que foi?

— Eu pedi à mamãe se podia arrancar aquele prego lá.

Papai pegou os óculos, olhou com excessiva atenção para a parede e:

— Exatamente qual prego, minha filha?

— Aquele lá.

Houve uma longa pausa e finalmente papai tomou a grande decisão:

— Pode.

Mas eu não quis arrancar o prego.

Ah, como é difícil viver com pessoas que gostam muito da gente mas sem saber o que estamos sentindo! Sou mesmo aquele besouro do Kafka.

Cada vez tenho mais certeza disso. Acho que eles têm piedade e medo de mim. Talvez eu seja o castigo, cuidadosamente mantido, que alivia um pouco alguma coisa que sentem, sei lá porque... e se eu explicar que. . . mas explicar o quê, meu Deus! Não dá para explicar mais nada para ninguém, nem para mim mesma. . . sou um besouro e pronto! Somos aquilo que imaginam que sejamos, não tem outro jeito. Não adianta lutar. Lutar como e para que? Para lutar precisamos ter algum objetivo. Lutar para mostrar aos outros que não sou o que querem que eu seja? Mas o que eu sou? Quem vou mostrar que sou? E se não sei quem sou, os outros fazem de mim o que querem que eu seja, não tem saída! Se querem que eu seja um besouro emburrado, pronto sou um besouro. . . ah, mas um besouro tem asas, é pesadão, voa com dificuldade, mas voa. . . Puxa vida, como é difícil voar, tenho que fazer um regime, emagrecer bastante, para voar alto e longe. . . Vamos ver se dá para ir daqui até a janela, um, dois, três, pronto, até a janela deu, ótimo. Daqui agora vou ver se vôo até a capota de algum automóvel. . . Ah, até que não foi difícil, mas como escorrega aqui em cima desse carro, acho que vou cair, também essas minhas patas parecem de metal, parecem fios de arame, pronto, agora acho que estou mais ou menos firme. Bem, daqui vou voar para dentro do bolso de alguém que esteja passando na rua. . . Epa, o que é isso? O carro

está andando! Agora sim é que vai mesmo ser difícil me equilibrar aqui em cima, tomara que o carro não corra muito. Já sei, é fácil, quando eu escorregar é só bater as asas e depois pousar de novo e também com esse maldito trânsito, com tanto carro nas ruas até que é bom porque não vai ser fácil o carro correr muito. Bem, até agora está dando para aguentar, faz um certo frio aqui em cima mas pelo menos estou passeando, já é alguma coisa, fazendo coisa que nunca fiz. Puxa, para onde será que está indo esse carro? Parece que está saindo da cidade, e, é isso, já estamos entrando numa estrada, está ficando escuro, puxa, para onde estaremos indo? É, vou ter de dar umas batidinhas de asa, a velocidade agora está aumentando. Oba, agora está diminuindo, está mais devagar, ótimo. Opa, está parando, é está parando, viva, parou! Uf, ainda bem, eu já estava ficando cansada de bater asa e na velocidade do carro, como será que consegui? Devo ser um besouro muito especial. Um besouro comum não teria conseguido. O que? Será que estou vendo direito? O homem que estava dirigindo parece estar agora tirando uma mulher do carro, é, é isso mesmo e ela parece desacordada. Ou está morta? Nossa! Agora ele está abrindo o porta-malas e tirando de lá um enxadão e uma pá. .. Meu Deus, a mulher está mesmo morta e acho que ela sou eu. O homem me matou e vai agora me enterrar aqui diante de mim? É, o negócio é fugir, vou voar para a beira da estrada e me esconder ali no capinzal. Pronto, já estou escondida, é, aqui parece seguro. . . Puxa, e agora, como vou conseguir voltar para casa?

— O que?

— Perguntei se você prefere ser devorada por mim ou se transformar num Príncipe Encantado. Só isso.

Que loucura, meu Deus! Estou ficando louca ou estou mesmo vendo um sapo falando e sentado calmamente na posição de Esfinge?

— Como é? Você não tem outra escolha. Ou me decifra ou te devoro! Se me decifrar, te transformo num belíssimo príncipe. Caso

contrário, vou ter que comer besouro, mesmo não sendo da minha dieta.

— Está certo, está certo. Já que não tenho outra escolha... Mas o senhor não está vendo que sou uma besoura e não um besouro? Se eu decifrar então terá que me transformar numa princesa.

— Que seja. Tanto faz. Príncipe ou princesa encantados é igual a anjo, não têm esse negócio de sexo. Mas vamos logo com isso, pois não tenho assim tanto prazer em fazer esse ritual. Ou será que tenho? Sabe, tenho tido de devorar cada bicho nojento que você nem imagina. Veja se colabora, procure me decifrar!

— Um momento. O senhor não está vendo ali na estrada aquele homem enterrando aquela mulher?

— Estou, e daí?

— Daí, daí, não está vendo que aquela mulher sou eu? Vou ser enterrada, entende? Não vai fazer nada, não vai impedir. . .

— Não estou entendendo. O que há de mal?

— O que há de mal? Você é um sapo ou um monstro? Não há nem um pouquinho de consciência em você?

— Consciência! O que exatamente é isso?

— Consciência, ora! Não distinguir o certo do errado. O bem do mal. Para você não há diferença entre a vida e a morte?

— Bem... desculpe, mas é que cada vez entendo menos esse negócio de consciência. E essa tal de vida que você falou.

O que é exatamente vida?

— Ora, vida... vida, vida é vida, ora essa!

—Ah...

— Ainda não entendeu?

— Não.

— Veja. Quando estamos vivos, é vida. E quando estamos mortos, é morte, certo?

— Bem... certo. Mas agora, agora o que é que somos? Somos vida ou somos morte?

— Que pergunta mais sem sentido. Você realmente não sabe?

— Não. Mas isso é mesmo muito importante?

— Se isso é importante? É a coisa mais importante que existe!

— Pois olha, eu não sabia. Sempre se aprende alguma coisa. Sabe, sempre pensei que o importante fosse comer mosca e mergulhar na lagoa... e brincar com sapa.

— Mas, e aquele negócio de Esfinge?

— Esfinge? Que Esfinge?

— Aquilo de ou me decifras ou te devoro...

— Ah, aquilo. É só uma brincadeirinha para brincar com quem ora pensa que é besouro, ora pensa que é gente, ora pensa que é vivo, essas coisas. . .

Mas você veio com uma nova. . . vida e morte. . . gostei. Quanto jogo novo a gente pode inventar, não é? Vida e morte. Nunca tinha pensado nisso. Mas para que serve mesmo? Quais são as regras? Nós não sabemos que vamos morrer. Vocês humanos sabem, não é? Isso é bom? Ajuda a melhorar a qualidade de vida?

DE PASSARINHO E DE GAIOLA

Hoje está tudo como ele gostaria que estivesse. Havia finalmente atingido sua meta.

Pelo menos foi o que disse para si mesmo enquanto mastigava com prazer um filé mal passado.

Mas alguém tocou a campainha na porta de sua casa. Foi atender.

— É aqui que mora o sr. Fulano de Tal?

— Sou eu mesmo. O que o sr. deseja?

— Apenas lhe dizer que o sr. não atingiu meta nenhuma e muito menos sua meta tão sonhada. Só isto. E agora, me dá licença, preciso continuar meu caminho.

— Não quer entrar? Estou jantando. O sr. já jantou?

— Já. Obrigado. Adeus.

— Bom, já que não quer entrar... mas não gostaria de tomar nem um copo de vinho?

— Adeus.

— Adeus. Boa viagem.

Fulano de Tal não entendeu muito bem aquele homem, nem exatamente o que pretendia com o que disse, mas como estava de cabeça muito leve por ter certeza absoluta de haver atingido sua meta, apenas sorriu, fechou a porta e voltou à mesa para terminar o jantar.

No dia seguinte, assim que acordou percebeu que seu primeiro pensamento estava sendo sobre o tal homem que tocara a campainha ontem à noite. Bom, deve ser alguém que sabe ler pensamentos, claro, só pode ser isto. É curioso ele ter negado que eu tenha atingido minha meta. . .

E aí começou uma muito pequena dúvida a fazer um pouquinho de sombra na sua certeza. Não, bobagem! Que ele possa ler pensamento, é coisa certa, e tem seu mérito, evidente mas daí a poder julgar se atingi ou não minha meta, isto é que não.

A meta de Fulano de Tal foi traçada quando tinha quinze anos. No dia de seu aniversário, estava passeando em um parque sem ter o que fazer, mas cheio de insegurança, cheio de pensamentos sobre como deveria ser sua vida. Cheio de insegurança. Cheio de pensamentos... De repente viu no galho de uma árvore um passarinho azul muito ocupado em coçar as penas com o bico. Levou o maior susto de sua vida! Nossa! como esse passarinho está certo! Ficou olhando o passarinho por um tempo enorme, não conseguia parar de olhar. Puxa vida, como ele está certo! Era só isso que conseguia pensar. Realmente não tinha a menor idéia porque achava que o passarinho estivesse certo. Mas tinha uma certeza estranha de que estava certíssimo. E tomou naquele momento uma decisão que seria sua meta: — Vou ser um homem feliz! Vou ser feliz como um passarinho!

E começou a juntar pedras para a construção do seu palácio de felicidade. Seria um palácio maravilhoso e ultrafortificado onde poderia viver livre e feliz como um passarinho. Não, não passou sequer por sua cabeça a idéia de dominar os outros, de ser poderoso. Mas sabia que se não construísse seu palácio-fortaleza, as pessoas não iriam deixar que fosse livre e feliz. Era ainda um jovem de quinze anos mas já tinha visto o suficiente sobre o que as pessoas fazem para não deixar a gente ser livre e feliz. As pessoas querem que a gente seja igual a elas, que tenha os mesmos gostos, que pense da mesma maneira, que acredite no que acreditam, que tenhamos as mesmas ambições. A ambição do jovem Fulano de Tal não era muito comum. Querer ser livre é uma coisa, pensava. E via que no fundo todos os que conhecia, inclusive seu pai e sua mãe, queriam ser livres. Mas ter a ambição de ser livre, era coisa muito diferente. Dedicar uma vida inteira, se preciso, para atingir a meta da liberdade total, já percebia que era coisa para muito poucos. E assim, se não construísse um palácio-fortaleza, tinha certeza que não atingiria a meta, era fatal que os outros não iriam deixar mesmo.

Seu palácio-fortaleza foi construído dos quinze aos quarenta anos.

Durante esses vinte e cinco anos, Fulano de Tal vendeu sistematicamente todas as suas liberdades. A rigor, só fazia coisas que não gostava de fazer. Tinha vontade de esbofetear certas pessoas, mas continha-se e lhes dizia palavras que elas queriam ouvir, sentindo-se assim duplamente desprezado: por essas pessoas e por si mesmo. Trabalhava duro em trabalhos que só davam alegria de realização e lucro aos que o contratavam. Mas economizava doentivamente os salários, comendo menos e nunca o que queria comer, morando muito pior que os colegas, vestindo-se sem nenhuma elegância mesmo gostando de roupas bonitas. Era o que sabia poder fazer para construir seu palácio-fortaleza. Não tinha talento para negócios. Ou talvez tivesse muito pudor em levar vantagem sobre outros. Não, não era exatamente pudor o que impedia Fulano de Tal fazer negócios, de ganhar bastante dinheiro e bem depressa. Para ser um homem de negócio sabia ser preciso acreditar na vantagem, no lucro, como um fim em si. O homem de negócios continua sedento por lucros, por vantagens, mesmo quando já está riquíssimo ou velhíssimo. A rigor, o homem de negócios gosta mesmo é de ganhar. Gosta de ganhar, de levar vantagem sobre alguém. Ele pensa que o dinheiro, a riqueza é sua meta, mas não é. Do contrário pararia de fazer negócios, de levar vantagens quando já estivesse muito rico ou muito velho, etc. Fulano de Tal percebeu isso muito cedo.

Ou melhor, percebeu em si mesmo que isto de ter de ficar a vida toda levando vantagem, lutando por lucro, seria um obstáculo à liberdade que pretendia como meta. Ser escravo da esperteza! Levar a vida toda atento para não ser passado para trás e para estar sempre ganhando, não, isso lhe parecia uma terrível condenação. Não há liberdade nesse caminho. Por isso foi construindo seu palácio-fortaleza devagar, pedra por pedra, preferindo tirar mais de si mesmo através de economizar inclusive no quase indispensável para

sobreviver, preferindo isto a ter que tirar dos outros por meio de negócios.

Foi uma carreira dura e só de sofrimentos. Vinte e cinco anos, sua mocidade inteira, vivendo sem liberdade com o objetivo de conquistar a liberdade. E agora finalmente havia chegado à meta pretendida. Era um homem com segurança econômica. Não precisava trabalhar para ninguém. Não precisava agradar ninguém. Não precisa fazer nada que não quisesse fazer. Seu capital estava bem aplicado, de maneira segura e permanente. O dinheiro que juntara duramente durante vinte e cinco anos agora trabalhava para ele. Seu palácio-fortaleza todo construído, prontinho. E já estava morando lá. Agora iria começar a ser feliz. A ser livre como o passarinho que vira aos quinze anos no parque. Era um homem livre para fazer livremente as coisas que queria fazer. E duas coisas principalmente queria fazer desde os quinze anos. Pintar livremente e amar livremente. Sempre quis ser um pintor, mas jamais aceitaria a escravidão de ter que agradar os donos de galerias de arte e de museus para expor seus quadros ou ter que fazer concessões para vender, concessões na própria arte ou na sua personalidade. Assim, não valia a pena ser pintor. A arte para ele era um ato de liberdade. E também o amor assim deveria ser. E agora finalmente poderia amar, poderia amar e ser amado sem precisar agradar às mulheres, subornar as mulheres com elogios, presentes, jantares, etc.. Poderia ser livre com as mulheres, ser livre, ser sincero, ser verdadeiro consigo mesmo e com elas.

E foi então que novamente voltaram a tocar a campainha de seu palácio-fortaleza.

— O senhor de novo?

— Sim, vim saber se pensou no que disse outro dia?

— Pensei sim. O senhor me disse que eu não havia atingido minha meta, não foi?

— E o que acha hoje? Atingiu ou não?

Aí Fulano de Tal levou um susto. Olhando melhor para o visitante, percebeu que era um passarinho. Sim, o visitante era um passarinho.

— Espere um pouco. Foi o senhor mesmo que esteve aqui outro dia?

— Foi, por que?

— Por nada. Apenas me pareceu que era um homem e não um passarinho...

— Sou sempre o mesmo embora esteja sempre mudando. Talvez não tenha prestado muita atenção.

— Talvez. Vamos entrar.

— Está bem, hoje disponho de mais tempo. O senhor tem uma casa muito bonita.

— Gostou?

— Muito. Gostaria de viver aqui, se eu gostasse de gaiola...

— Gaiola?

— Sim. O senhor construiu uma bela gaiola. É muito bonita, mas como já disse não gosto de gaiola. Nenhum passarinho gosta de gaiola, o senhor sabe, não é?

— Quer um pouco de alpiste?

— Não, obrigado. Mas ainda não respondeu se é ou não é um homem feliz como um passarinho?

— Bem, eu nunca disse que já sou feliz. Disse outro dia apenas que havia atingido minha meta.

— E sua meta não era a felicidade?

— Era e é. Mas a meta a que me referia na sua primeira visita era a meta do palácio-fortaleza e esta, como o senhor pode ver, já está atingida.

— E a felicidade?

— Bem, agora já tenho condições para ser feliz. E vou começar a semana que vem. Faltam alguns pequenos detalhes de acabamento. Meu estúdio de pintura ainda está incompleto, precisa iluminação

adequada para quando quiser trabalhar à noite, mas é coisa simples, amanhã mesmo fica pronto e ainda não comprei telas e pincéis e tintas, isto é, já comprei, mas só vão entregar na semana que vem, essas coisas.

— Só isso que falta?

— Bem, falta também a mulher que vou amar. E que também só chega na semana que vem.

— O senhor acredita que pode haver felicidade sem infelicidade?

— Como assim? Não entendo.

— De fato, acho que o senhor não entende mesmo. Mas veja: Eu não sou feliz como um passarinho. Sou apenas um passarinho! Nunca sonhei com felicidade. Já sofri muito, mas nunca me senti infeliz. Passarinho não se preocupa com essas coisas, o senhor sabe, não é?

— Espere um pouco. O que foi que o senhor disse? Um passarinho não sabe que é feliz como um passarinho?

— Para ser franco um passarinho nem sabe que é um passarinho, não sei se entende o que quero dizer?

— Então, qual a vantagem em ser passarinho, isto é, em ser feliz como um passarinho?

— Mas quem foi que disse que passarinho é feliz?

— Ora, todo mundo sabe disso. Passarinho é o ser mais livre que existe. Não trabalha, não é escravo de ninguém, voa para onde quer, vive cantando. . .

— Sim, mas temos também nossos problemas.

— Já sei, os meninos com suas pedras, as gaiolas, o inverno, a poluição do ar, procurar alimento...

— Pois é.

— Quer dizer que os passarinhos também são infelizes?

— Quem foi que disse que os passarinhos são infelizes?

— Eu estou perguntando. São ou não são?

— O senhor o que acha?

— Sabe de uma coisa, já não acho mais nada. O senhor veio à minha casa só para me perturbar, não foi?

— Não, vim apenas para saber se já tinha pensado sobre o que lhe disse outro dia. Ou seja: não creio que já tenha atingido sua meta de felicidade... Já sei, já sei, desculpe, somente na semana que vem é que vai começar a ser feliz pois já tem tudo arranjado, etc.

— E o que há de errado nisso?

— Em começar a ser feliz a semana que vem? Isto é com o senhor. Mas cuidado com a saúde.

— O senhor está querendo sugerir que eu possa morrer antes de começar a ser feliz? Ou mesmo ficar cego ou paralítico, etc.? É isto que está sugerindo? Pois saiba que se eu morrer não tem importância pois terei morrido em estado de felicidade, de liberdade. E se ficar paralítico ou cego ou o que for de muito grave, também não faz mal porque um homem realmente feliz não irá sentir essas coisas como sentem os infelizes.

— O senhor tem certeza de que está pensando com clareza?

— Está sugerindo que eu esteja ficando meio. . .

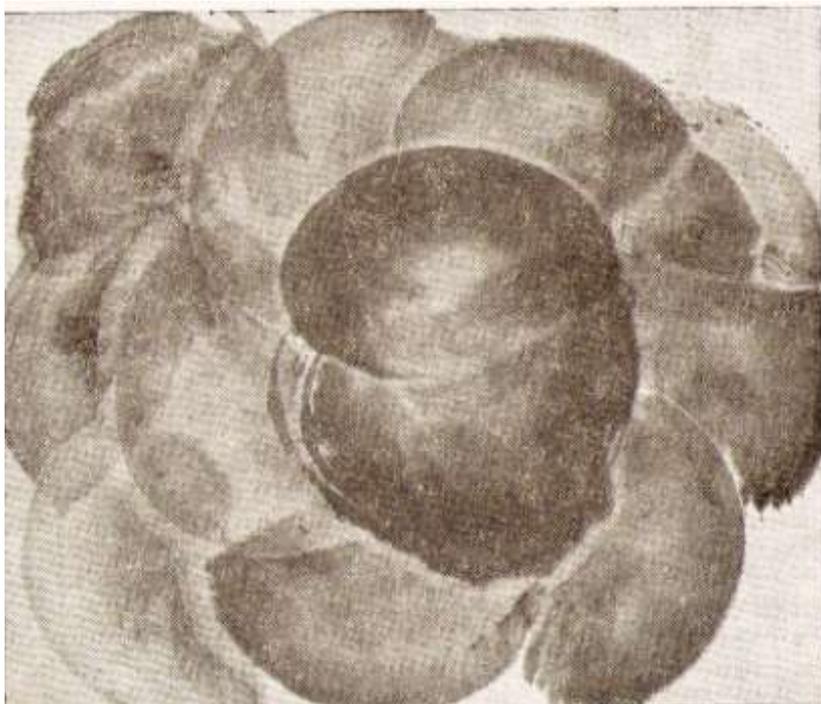
— Bom, não disse isto. Mas quando estive aqui outro dia par; trazer a caixa de vinhos que havia encomendado e o senhor compreendeu mal minhas palavras. . .

— Que palavras?

— Eu lhe disse que infelizmente não tinha vinho rosé e eu havia trazido vinho branco, se aceitaria assim mesmo, etc. Mas o senhor entendeu diferente e insistiu que eu lhe falava sobre o senhor não ter atingido sua meta. Mas não liguei muito, embora tenha achado meio esquisito. Enfim, o senhor aceitou a encomenda, pagou direitinho e portanto fui embora. Mas hoje quando vim saber se queria comprar uns queijos suíços muito especiais que acabei de receber e o senhor começou a falar comigo como se eu fosse um passarinho, confesso que. . . bem, não estou dizendo que o senhor esteja meio. . . o senhor

entende, não é? Não é isso mas, sei lá. . . Bom, até outro dia. E desculpe o mau jeito.

Dizendo essas coisas, o visitante trepou na janela e ficou ali um pouco olhando o céu, como se escolhesse algum rumo. De repente, bateu asas e voou.



CASO DE AMOR

— Não, não é exatamente isso. Na realidade eu o amava muito.

— Pois é, isso eu entendi muito bem. Mas não entendo o porque do senhor dizer que se irritava constantemente com certas coisas dele.

— Com a mania de deixar tudo para depois. Com o hábito insuportável de roer as unhas. Com a incapacidade de se aproximar do fato tal como o fato é... Vivia sempre torcendo a verdade ou arrumando as desculpas mais incríveis para não ter que dizer que errou. Coisas assim que me irritavam. Irritavam, não, ainda me irritam, infelizmente. Sei que talvez não deveria dizer essas coisas agora, mas o que vou fazer se ainda sinto essas coisas agora?

— Já sei, já percebi o que o senhor quer dizer. Mas ouça: pode ao mesmo tempo uma pessoa amar uma outra e se irritar com as maneiras ou o comportamento ou sei lá o que que constituem justamente as características dessa pessoa?

— E por que não?

— Bem, me parece estranho, só isso. Sempre soube que quando se ama uma pessoa a gente fica meio cego, não é mesmo? Existe até um provérbio que diz qualquer coisa assim: quem ama o feio, bonito lhe parece. Entende? O amor me parece ser justamente uma forma de encantamento, uma forma de endeusamento, de magnificação do objeto amado. Uma aceitação.

— É, agora entendo, o que está dizendo tem sentido, aceito. Mas acontece que comigo a coisa não funciona assim. Gosto dele e gosto muito, mas ao mesmo tempo me irrita com quase tudo o que ele faz ou diz ou pensa, etc.

— Bom, talvez então seja apenas o chamado amor físico somente, não é?

— Isso é que não. De jeito nenhum. Vejo tantos defeitos no corpo dele, tanta gordurinha que não precisaria ter, tanta falta de elegância, tanta preguiça para concluir claramente um gesto, tanta

maneira incorreta de se sentar, de andar. Isto sem falar que é pequeno e o rosto mais parece o de um bichinho do que de gente. Não que seja exatamente feio. Mas, sei lá, falta muita coisa. E não tem nenhum magnetismo. Ainda se tivesse poderia ser o que se costuma chamar de encantadoramente feio, sei lá, essas coisas, entende?

— Está mesmo certo de que o ama?

— Mas claro que amo, ora! Que tipo de amor é que é, isso não me preocupa. Mas amar, isso lá eu amo mesmo. Podem, por exemplo, dizer que não passa de um apego, de uma fixação. Mas e daí? Quem pode separar o apego do amor? Onde começa um, onde termina o outro? Amor, para mim é ligação. Havendo ligação entre duas ou mais pessoas, há amor.

— Mas qualquer ligação?

— Qualquer ligação, contanto que seja profunda. Quero dizer, qualquer ligação que seja difícil de desligar, entende? Ligação daquelas que por mais que a gente queira não consegue destruir.

— E é isso, só isso que chama de amor?

— Para mim é isso. Amor é quando duas pessoas formam uma só de tal maneira que nem elas nem ninguém de fora pode fazer com que voltem a ser duas.

— Muito bem, o senhor o ama. Vamos deixar assim. Mas não foi por isso que me procurou, não é? Existe algum sentimento que o está, vamos dizer, perturbando ou mesmo torturando... dificultando sua vida diária, seu trabalho...

— Mas claro. E é justamente por isso que vim aqui.

— Muito bem. Fique à vontade. Aqui não é um tribunal e eu não sou um juiz. O certo e o errado, o bem e o mal, não nos interessam dentro desta sala. Mas aquilo que o faz sofrer, aquilo que o perturba, isto sim deve nos interessar e é desse ponto que começamos.

O paciente pergunta ao analista se pode fumar e este lhe estende um cinzeiro sorrindo, consentindo, procurando deixá-lo o mais à vontade possível. O paciente é um homem de uns trinta e cinco anos,

magro, baixo, os gestos e a maneira de se vestir são deliberadamente elegantes, o movimento de tirar o cigarro da cigarreira de prata, de acendê-lo com um isqueiro caro e soprar a fumaça devagar deixam perceber o cuidado excessivo que dedica à caracterização do personagem elegante que escolheu para si mesmo.

O analista aproveitou para anotar, também fingindo que não estava fazendo nada especial, para anotar alguma coisa no bloco que tinha sobre a mesa. Anotou o que lhe pareceu o conflito mais aparente, conflito homossexual.

O paciente cruzou as pernas, cruzou os braços e enquanto levava o cigarro à boca apenas levantando um pouco a mão direita sem descruzar a esquerda que permanecia segurando firme o bíceps do braço direito, disse com voz pausada, mas um pouco insegura:

— Ele vai morrer dentro de dez meses!

Há um pequeno silêncio e o analista pergunta, sem se envolver:

— O diagnóstico já foi confirmado?

— Já.

— Acha que está preparado para perdê-lo?

— Não estou e nem quero estar.

— Mas a morte faz parte da vida. Todos temos de morrer um dia, não é verdade?

— É só isso que um analista pode dizer? Só isso que pode fazer?

— Um analista é um ser humano como outro qualquer. Nós não podemos fazer milagres. Sei que o senhor é um homem inteligente e culto e portanto nosso diálogo deverá ser no plano mais alto da compreensão. O analista não muda os fatos da vida. O analista nos ajuda a compreender e aceitar a realidade. Os fatos existem. Mas há muitas mineiras de lidarmos com eles. Desde a mais positiva e construtiva até a mais negativa e destrutiva, entende? São os sentimentos diante dos fatos que são importantes para o nosso trabalho. A morte de um ser querido é um fato. E não há uma maneira

só de abordar esse fato. Não há um único tipo de sentimento com relação à perda...

— Me aconselha então a não sentir, a não sofrer com o fato de que dentro de dez meses ele irá morrer... morrer, entende? Morrer, desaparecer para sempre. Eu não o verei nunca mais, não poderei mais ouvir sua voz, os contentamentos dele quando recebe um elogio, seu prazer quando levanta e o dia é azul e cheio de sol e ele começa a cantar feito uma criança e vê tudo com alegria e a casa inteira fica alegre e colorida e cheia de luz, de vida...

— Gostaria então que eu lhe dissesse que ele não vai morrer?

— Mas eu sei que ele vai morrer. E o senhor tenta apenas me consolar. É isto o máximo que pode fazer? Consolar?

— Ele já sabe que vai morrer?

— Não. Ele não tem como saber.

— Como? Não entendo. Está querendo dizer que talvez ninguém irá lhe dizer...

— Não, não é isso. E não importa. Vamos deixar assim mesmo.

— Como quiser. Fale-me um pouco dele.

O paciente fica um pouco em silêncio e de repente começa a falar sem olhar para o analista como se estivesse conversando sozinho. E está descrevendo minuciosamente alguém em tudo semelhante a si mesmo. Quando termina, o analista pergunta há quanto tempo se conhecem.

— Desde que nascemos. . .

Diz isto e fica olhando firme nos olhos do analista. Este se surpreende, parece ter entendido tudo.

— Mas então.. .

— É exatamente o que está pensando. Entende agora porque ele nunca poderá saber se vai morrer ou não? Só eu que sei. Só eu que terei de carregar até o fim esse medo, essa angústia, esse terrível sofrimento. Ele, não. Ele, daqui uns meses começará a ficar magro, fraco, cheio de olheiras, mas inocente e mudo como um cão que não

mentaliza seu sofrimento. Nem saberá o que está acontecendo com ele. Será somente uma sensação, um desprazer, uma falta de vida. Mas não saberá o que é.

O analista estava calado, sem saber por onde retomar o diálogo.

— O senhor tem algum parente próximo?

— Não se preocupe, doutor. Não precisa ser tão sutil. Já sei onde irá chegar. Já percebeu que sofro de desassociação de personalidade, não é? Chamam isso também de esquizofrenia, não é? Mas não me importo com esses nomes ou conceitos. Isto tudo é muito pequeno e sem importância diante da morte. Não, não tenho parentes próximos e nem amigos íntimos. Nem ninguém. Somos só nós dois no mundo. Eu e meu corpo. E dentro de dez meses ficarei sozinho.

BUROCRACIA

Chegou como quem não estava chegando. Um pé na frente, outro atrás, a mão suada, olhar mal fixando em tudo que olhava sem olhar, parecia muito inquieto com o fato de nós já termos começado a reunião.

— Por que você não se senta?

Ele começou a dizer que estava bem de pé, enquanto sua mão puxava a cadeira e seu corpo se sentava tenso.

Como se sabe, estávamos ali reunidos para encontrar uma solução definitiva para o problema da vida.

— Peço a palavra, pela ordem!

O líder da reunião, que por formação e biotipo, apreciava muito mais as regras do jogo que o próprio jogo, e que há dez minutos ainda estava profundamente envolvido com minuciosas e complicadas regras para que a reunião fosse aberta dentro dos regulamentos regulamentares, gostou da velha expressão “pela ordem”, sorriu e informou o recém-chegado que ele seria o primeiro a falar, logo após terminássemos de cantar o hino de nossa Sociedade.

Terminado o hino, que todos cantamos com alto espírito burocrático e baixo envolvimento emocional ou de consciência, o líder deu a palavra a Charles Split, que esse era o nome do que chegou por último e pediu para falar primeiro. Charles Split começou assim:

— Só há duas saídas: viver ou morrer!

Mas não falou isso assim como está aí escrito, não. Gaguejou, derrubou o copo d'água que estava em sua frente, sua mão esquerda ainda mais suada ficou no bolso da calça e a outra, tremendo muito, esfregava o rosto depois de ter derrubado o copo. E Charles Split não disse mais nada, ficou ali de pé, vermelho, entupido, olhando nervoso para todos nós sem saber se continuava de pé ou se sentava.

O líder, então, muito calmo como se esse negócio de vida ou morte não fosse com ele, perguntou pausadamente se era só isso que

Charles Split tinha a dizer. Como Charles Split não conseguia emitir mais nem sinais com a cabeça para dizer sim ou não, o líder pediu em tom gentil mas autoritário que ele se sentasse.

— O próximo, por favor.

— Como o próximo?! Gritou de repente Charles Split. Ninguém vai dizer nada sobre o que eu disse?

Aí o líder pediu silêncio, repreendeu Charles Split por tumultuar o desenvolvimento dos trabalhos da reunião, insistiu que ele se sentasse e deixou bem claro que mais uma atitude semelhante àquela seria suspenso por duas reuniões consecutivas.

Bom, aqui convém informar que nossa sociedade já estava realizando reuniões semanais há dezenove mil anos, desde aquele dia negro no norte do lugar onde hoje está a Espanha, quando um dos nossos membros conseguiu nos fazer ver que a vida era um problema sério e que precisava ser resolvido com urgência. Não me lembro bem se foi por causa de uma epidemia que matou muitos de nós; se foi por causa de uma guerra de grupos rivais que parecia não terminar nunca; se foi por causa daquela maldita seca, dois anos sem chover, que por pouco não acabou com todos nós. De qualquer maneira, foi num dia negro, sem esperanças, que pela primeira vez vimos a necessidade de nos reunirmos semanalmente para encontrar solução para o problema da vida.

Temeroso de ser expulso da sociedade que há tantos milênios vem tentando encontrar solução satisfatória para tão sério problema, Charles Split concordou em se sentar.

O líder então retomou o ritmo dos trabalhos e eu pedi a palavra, pela ordem. Não sei até hoje muito bem o que quer dizer esse “pela ordem”, mas sei que com o líder ela é uma expressão mágica. Me deu logo a palavra.

— Com o devido respeito ao excelentíssimo líder e aos meus ilustres companheiros de sociedade, peço permissão para lavrar um protesto que sugiro seja arquivado em ata.

E o líder, novamente satisfeito com o formalismo adequado de minhas maneiras, sorriu e disse: “Prossiga, nobre colega”. E eu prossegui:

— Protesto, alto e bom som, contra a morosidade incompreensível com que nossos trabalhos vêm se desenvolvendo no decorrer do atual século que já vai chegando ao fim. Vejam o excelentíssimo líder e os caros colegas que até o século passado ainda tínhamos o florescimento de mentes brilhantes em boa quantidade dedicando-se a encontrar soluções para o problema da vida. Seria ocioso enumerar aqui o número maravilhoso de filósofos sérios, grandes fochos de luz a iluminar nossas mentes escuras, que brilharam somente no século dezoito e dezanove. Eram homens sérios, dedicados, preocupados com o nosso problema e que trabalhavam em regime de dedicação integral para solucionar o problema da vida.

Mas, vejam bem senhores, neste último século que está se acabando, quantas novas teses foram apresentadas, quantas novas hipóteses tentando explicar o sentido da vida? Uma, duas, três? E mesmo assim, são realmente novas? Sinceramente senhores e me perdoem a franqueza: do jeito que vamos indo, é bem provável que nos próximos dez ou vinte mil anos continuaremos, como hoje, na estaca zero. Francamente, os senhores não acham que já é hora de concentrarmos nossas energias num esforço definitivo para encontrar uma solução que atenda aos anseios de toda a humanidade?

Parece que minha intervenção foi um sucesso. Todos gritaram em coro, muito bem, muito bem, apoiado, é isso aí, etc. Até o líder deixou um pouco seu jeitão solene e formal e entrou no coro de aprovação ao meu discurso.

Mas, de repente e de maneira completamente inesperada, Charles Split se levantou muito agitado, os olhos vermelhos e com um revólver na mão. Imediatamente fêz-se um silêncio apavorante. Ninguém sabia o que dizer ou fazer.

Em seguida, aparentemente mais seguro de si, Charles Split abriu a boca e o céu desta sentiu a ponta do cano da arma. Acionou o gatilho, explosão, a bala atravessou seu cérebro. Prevendo a situação de pânico que já se ia formar entre nós, o líder experiente e bom profissional sentiu que precisava agir com segurança e bateu com energia o martelo na mesa concentrando nossas emoções e pedindo calma e atenção. Disse com voz pausada:

— Muito bem, senhores. Charles Split não está mais conosco. No início da reunião de hoje, ele deixou bem claro seu ponto de vista sobre o problema que nos aflige há tantos milênios e para cuja solução existe nossa sociedade. Muito bem, senhores, repito, que cada um medite agora um pouco sobre o que Charles Split quis dizer com o fato de que só há duas saídas para o problema e que insistiu ser ou viver ou morrer. E agora vamos votar a proposta do nobre colega que acaba de nos deixar. Quem achar que a solução é viver, levante a mão. Quem achar que a solução é morrer, não levante a mão.

DUAS BOLAS DE AR

Até agora ele está fazendo tudo exatamente como o pergaminho indicou. Desde o dia que este lhe aconteceu. Desde aquela noite muito escura na praia quando a mulher que amava teve a idéia de tomarem banho nus. Bem é preciso contar direito tudo o que se passou naquela noite. Desde sempre ele tinha um problema desses que costumam chamar de psicológico, problema assim do tipo desses quando a gente tem tudo para fazer uma determinada coisa, tem um desejo louco de fazer essa coisa, mas na hora de fazer, não consegue, entende? Ele sabia que isso acontece nas melhores famílias e frequentemente com gente muito famosa, etc. Mas saber essas coisas não lhe dava nenhum consolo. Também, quem poderia se consolar com aquilo? Aquilo era assim: Só conseguia fazer amor com as mulheres que não amava. Bastava se apaixonar, pronto, nascia o problema. Nascia a inibição. E foi o que aconteceu novamente naquela tal noite escura na praia quando a mulher por quem estava apaixonado teve a idéia de tomarem banho nus.

Assim que ela falou a idéia, lhe veio logo o medo de ser levado pela situação propícia a fazer aquilo que sabia não conseguir realizar. Mas logo uma pontinha de esperança nasceu em sua cabeça. Talvez, com a ajuda daquela escuridão absoluta, talvez algum efeito favorável da água do mar que é mãe da vida, talvez pudesse.

Cheio de uma coragem que chegou até a deixá-lo bem mais seguro de si, começou a tirar a roupa e enquanto tirava, sua coragem aumentou pelo simples fato de se sentir corajoso. Ficou inteiramente nu sentindo no corpo o carinho da brisa salgada. Era uma deliciosa e leve sensação de liberdade e potência.

Aí, a mulher amada enquanto despia-se da última peça, deu um gritinho sexy chamando-o para aquecê-la dizendo estar morrendo de frio.

Pronto! Ele virou-se na direção dela e viu claramente um luminoso cavalo prateado com uma garrafa na boca. Chamou pelo nome da mulher amada e o cavalo relinchou. Tomado de pânico, mas também de deslumbramento, seu corpo ficou parado entre a fuga e a atração que aquela imagem exercia. Gritou novamente pela mulher e novamente o cavalo encantado relinchou.

Esta visão maravilhosa durou pouco mais de um minuto. Porque a luz prateada que emanava do animal logo se transformou em um som muito doce e prolongado que deve ter sido o causador do sono profundo em que se viu mergulhado.

Quando os primeiros raios de sol surgiram para criar o novo dia, ele acordou, bocejou com prazer, se espreguiçou e viu que a seu lado havia apenas uma garrafa com uma folha de pergaminho dentro.

Lembrou-se vagamente da noite anterior, da festa, das muitas doses de whisky, de uma mulher alta, magra, de cabelos longos e olhos verdes que o tinha impressionado muito mas de quem nem sabia o nome. Lembrou-se também do cavalo prateado, da luz maravilhosa mas abandonou logo a lembrança quando a razão atribuiu tudo à muita bebida que tomou. Então, tirou a rolha da garrafa, enfiou o dedo no gargalo e tirou a folha de pergaminho. Nele um texto numerado de 1 a 5 escrito numa língua que não pode decifrar.

Voltou para casa, guardou o mapa numa gaveta, tomou um banho, depois fez café, esquentou um ovo e enquanto quebrava o jejum lembrou-se novamente dos fatos da noite anterior mas agora teve certeza de que tudo realmente fora bebida e sonho. À noite, quando voltasse do trabalho, iria tentar decifrar o texto.

No escritório, quase na hora de sair para o almoço, sua secretária lhe mostrou uma folha de papel datilografado. Era uma cópia tirada com carbono. A secretária mostrou a folha para, segundo ela, confirmar sua observação de que a nova secretária, muito bonitinha, cometia ainda o erro tão primário de colocar o carbono ao contrário fazendo com que o texto saísse impresso no verso da página. E ao ver

aquela folha de papel, nosso amigo lembrou-se do pergaminho. Talvez a língua estranha nada mais fosse que aquilo ali, ou seja, frases escritas de trás para diante.

De volta à casa, foi logo à gaveta e observou o texto do pergaminho.

Não era exatamente o que pensava. Tratava-se realmente de português escrito de trás para diante. Mas não letra por letra e sim sílaba por sílaba.

Pronto, estava decifrado o conteúdo da mensagem que achou na garrafa. Os itens numerados, de 1 a 5 traduzidos eram estes:

“1. Na hora do café da manhã, do almoço e do jantar, inverta a ordem dos alimentos que ingerir. Exemplo: no almoço comece pela sobremesa e termine com o aperitivo. Etc.

2. Sempre que encontrar uma pessoa que tenha que cumprimentar, diga boa noite se for de dia e bom dia se for de noite.

3. Em vez de fazer a barba de manhã ao se levantar, faça-a à noite antes de se deitar.

4. Procure não atender o telefone quando ele estiver tocando. Mas não se esqueça de atender pelo menos três vezes quando ele não tocar.

5. À noite, antes de se deitar, mude a posição do travesseiro. Ponha-o onde costumam ficar seus pés e deite com estes no lugar onde fica sempre o travesseiro.

Cumpridas estas exigências, você imediatamente se encontrará diante de alguém que o libertará de seu maior problema. Experimente e não se arrepende.”

Embora achando um tanto absurdo e mesmo infantil tudo aquilo, resolveu cumprir as exigências do pergaminho encontrado na garrafa.

Afinal de contas eram tarefas muito simples. Só por brincadeira, ou por falta do que fazer, naquela mesma noite jantou na ordem invertida para grande susto da empregada. E no fim do dia seguinte, já havia cumprido os cinco itens do pergaminho.

Quando, pela terceira vez foi atender a um telefonema que não havia sido feita, ouviu do outro lado da linha uma voz muito grave dizendo pausadamente: “Esta é uma gravação. Compareça amanhã sem falta, mas a qualquer hora, ao ponto mais alto da cidade em que vive. Permaneça no lugar por alguns minutos e logo será recebido por alguém que lhe dirá o que deve fazer.”

Sem dúvida a coisa começava a ficar emocionante. Pensou em algum assalto ou rapto, coisas assim. Mas quem poderia assaltá-lo? Não era um homem rico, nunca andava com muito dinheiro e seu relógio já estava mesmo precisando ser trocado. Quanto a sequestro, outra bobagem. Não se metia em política, nem em organizações religiosas ou secretas, não tinha amigos importantes. Não, sequestro também seria ridículo. E crime? Talvez algum louco. Bem, o jeito era observar bem o tal lugar mais alto da cidade. Já sabia qual era. A cobertura do Edifício X. E lá havia um restaurante que funcionava a noite toda e sempre muito cheio. Decidiu ir.

Assim que entrou no tal restaurante, o *maitre* veio atendê-lo. E o levou para a única mesa que estava vaga. Mas assim que sentou, um velho muito elegante aproximou-se com um sorriso, pediu licença e: “O senhor se importa se eu lhe fizer companhia?”

Percebendo que a voz do velho era a mesma que lhe falara na gravação pelo telefone, sorriu também e: “Por favor, sente-se.”

— Então o senhor se preocupa com medo, não é assim? Tem medo de não conseguir amar completamente a mulher que ama, certo?

— Certo. Mas quem é o senhor?

— Esta pergunta é irrelevante. Qual o seu maior interesse. Saber quem eu sou ou deixar de ter medo?

— O senhor tem razão.

— Concorda comigo também que não é só disso que têm medo, não é?

— Concordo sim. Meus medos...

— Seus medos? Não existem medos. Existe medo. O medo é um só. Ele se associa a diversas coisas ou fatos ou situações, mas é um só. Certo?

— Acho que sim.

— O medo está em você. Começa e termina em você. Os fatos exteriores são apenas lembretes. Mas isso é conhecimento comum, não é?

— Acho que é.

— Muito bem. Agora você vai conhecer o Rei dos Medrosos. Assim que falou esta frase, o velho estalou os dedos e apareceu sentado com eles na mesma mesa um homem trêmulo que começou a falar com voz insegura, fazendo muitos rodeios, pedindo desculpa o tempo todo:

— Sou o Rei dos Medrosos. E etc., etc., etc.

O velho interrompe as lamúrias do medroso e pede ao nosso amigo que lhe pergunte por que é medroso. A pergunta é feita. E eis a resposta:

— Eu sou medroso porque não tenho coragem de ter coragem... O velho interrompe novamente:

— Ouviu bem o que disse o Rei dos Medrosos? Ele é medroso porque não tem coragem de ter coragem. Ele é medroso porque vive pensando na coragem. É medroso porque o que mais deseja no mundo é ser corajoso. Mas agora preste atenção ao que tem a dizer o nosso novo convidado. E fazendo novamente estalar os dedos, desaparece o Rei dos Medrosos e em seu lugar surge o Rei dos Corajosos. Surge naturalmente exibindo voz e gestos de excessiva segurança.

Diz o velho:

— Pergunte-lhe porque é corajoso.

— Por que o senhor é corajoso?

— Sou corajoso para não ter medo.

O velho:

— Ouviu bem? Ele tem medo de ser medroso. Só é corajoso porque o medo é sua preocupação constante. Sabe que o dia que falsear diante de uma situação perigosa qualquer poderá cair no precipício do medo.

O Rei dos Medrosos está sempre preocupado com o medo e com a coragem. O Rei dos Corajosos está sempre preocupado com o medo e a coragem. E agora me diga: qual a diferença entre os dois reis?

O medo só existe porque existe a coragem. A coragem só existe porque existe o medo. Uma realidade depende da outra para existir. Certo?

— Certo.

— Muito bem. Agora você vai embora. Vá viver sua vida. E faça o seguinte. Sempre que tiver medo, pense no medo como uma coisa, uma forma, por exemplo, imagine que o medo é preto, que o medo é uma bola preta, certo?

— Certo.

— Em seguida pense na sensação da coragem. Dê uma forma também à coragem. Imagine que ela seja uma bola branca. Certo?

— Certo.

— E agora preste muita atenção. Após imaginar a bola preta do medo e a bola branca da coragem, imagine também uma agulha com a qual você deverá furar as duas bolas. Certo? Fure as duas bolas e procure imaginar uma realidade mental onde não há nem medo e nem coragem. Certo?

Faça sempre isso. E agora vá embora e viva como puder, mas fique sempre atento às duas bolas e à agulha.

Depois de algum tempo e não me pergunte quanto tempo porque isso depende de sua capacidade de praticar o método, depois de certo tempo, você chegará ao ponto de ter dificuldade de formar as bolas. E no final nem se lembrará mais das bolas e da agulha. Certo?

— Certo.

— Agora vá. E retorne a me ver neste mesmo lugar quando não mais houver nem bolas, nem agulha em sua cabeça. Certo?

— Certo.

Tempos mais tarde, tendo seguido o método indicado pelo velho, nosso amigo começou a sentir que tanto a idéia de medo como a idéia de coragem não tinham mais importância em sua vida. Passou-se mais tempo ainda e já nem se lembrava mais que antigamente era um homem medroso e nem se julgava agora um homem corajoso. A palavra coragem e a palavra medo passaram apenas a ser palavras. Achou então que estava na hora de voltar a procurar o velho.

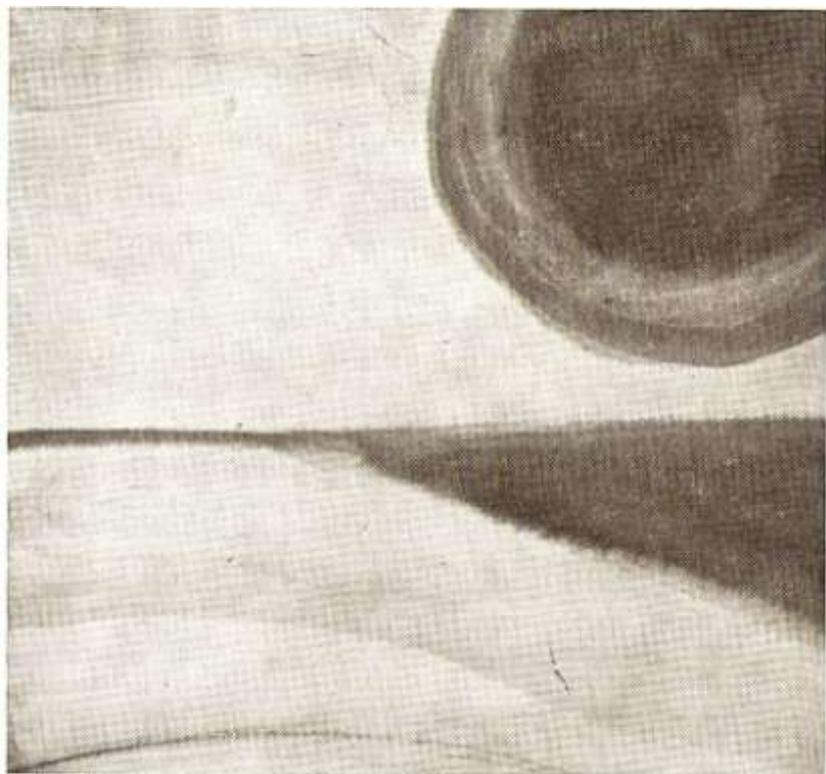
E para seu susto, verificou que o Edifício X não estava mais no lugar em que sempre estivera. Lá havia uma praça. Perguntou a um dono de loja há quanto tempo haviam derrubado o Edifício X.

— Que Edifício X? O senhor está louco? Esta praça está aqui desde que nasceu a cidade. Esta loja foi fundada por meu avô.

Então foi até a prefeitura e depois de enfrentar um dia de burocracia certificou-se que realmente a praça sempre estivera lá e o tal Edifício X nunca existira.

Voltou à praça, sentou em um banco de jardim, relaxou o corpo, ficou um tempo se sentindo estúpido e de repente começou a notar uma sensação estranha de leveza que nunca tinha tido. Um sorriso apareceu espontâneo em seu rosto e olhou surpreso para tudo que via.

E tudo o que via era maravilhosamente apenas o que era.



COMO GANHAR A VIDA

— Já é a quinta vez que o senhor passa por aqui, não é?

— Desculpe, mas eu pedi apenas um fósforo para acender meu cigarro. As vezes que eu passo ou não por aqui, é um problema somente meu. Não me parece que o senhor seja dono desse lugar.

— Dono eu não sou. Sou mais que isso. Eu sou este lugar. O senhor portanto está passando por cima de meu corpo.

— Está bem, deixe para lá. Já percebi que não é apenas um curioso, um intrometido, é também um bobo.

— Eis o seu fósforo.

— Obrigado.

— Não quer descansar um pouco? Tenho uma jarra de água fresca, algumas frutas. . .

— Primeiro se mete na minha vida e agora...

— Mas eu não me meti na sua vida. Do mesmo jeito que sou este lugar, também sou o senhor, entende?

— Claro que não entendo. Por trás dessa conversa de louco pode estar escondida alguma outra intenção!

— Qual intenção?

— Sei lá. De qualquer maneira, obrigado pelo fósforo. Agora me desculpe mas preciso ir andando que já estou bem atrasado.

— Atrasado? Para que?

— Novamente querendo se meter na minha vida particular!

— Vida particular? Ninguém tem uma vida particular. A vida é uma só e todos nós somos a vida.

— Está bom, está bom. Até logo.

— Boa viagem.

O caminhante continuou seu caminho. O outro homem viu que ele saiu muito apressado, muito suado, muito comprometido. O caminhante tinha trinta anos e não podia perder tempo porque, segundo ele, a vida não espera por ninguém. Com trinta anos e ainda

não era um sucesso em alguma coisa como precisaria ser a partir daquela idade. O tempo voa e dali a pouco estaria com quarenta anos e depois dos quarenta, se não subiu lá em cima, se não atingiu o sucesso, a segurança, pronto, vem a descida que só termina com a morte. Já se considerava um pouco atrasado. Alguns amigos seus, desde os vinte e sete que vinham brilhando...

Interessante, pensou o outro homem, interessante como eu não consigo ver novidades nesse caminhante. Desde a primeira vez que passou por aqui me parece o mesmo. A mesma afobação, a mesma ganância de viver. Acho que ele está girando em círculo. Talvez por isso ficou zangado quando lhe perguntei se já havia passado outras vezes por aqui. Ele não quer admitir que está sempre igual. Ele precisa ser diferente. Mas o gozado é que quanto mais corre, mais fica igual aos corredores todos do eterno campeonato. Todos querendo ganhar a taça maior. A taça maior é a última taça. Bobagem porque a última taça está reservada a todos nós, aos que correm afobados e aos que não correm afobados, aos fracassados e aos bem sucedidos. Mas olha aí, o caminhante parece ter completado uma nova volta, sim, é ele mesmo que vem chegando cansado, suado, apressado, irritado.

— Bom dia, como foi de viagem?

— Bom dia. Desculpe, mas eu conheço o senhor?

O outro homem achou melhor entrar no jogo do caminhante. Para que fazê-lo sofrer com a certeza de estar caminhando sem sair do lugar?

— Ah, perdão, eu me enganei. Pensei que fosse um velho conhecido meu. Quer um pouco d'água?

— Vou aceitar sim, estou morto de sede.

— Sente-se, tenho também umas frutas. Veja este cacho de uvas. Olhe, está geladinho, eu guardo o cesto de frutas no fundo do riacho, é uma geladeira excelente.

— O senhor mora por aqui?

— Moro e não moro. Mas não vamos complicar as coisas. Digamos que estou passando uma temporada por aqui. É lugar muito agradável, o senhor não acha?

— Puxa, é maravilhoso! Mais tarde, quando eu me aposentar pretendo passar o resto dos meus dias num lugar como este.

— Quando o senhor pretende se aposentar?

— Ah, ainda falta muito tempo. Estou com apenas trinta e um anos. Ainda tenho muito o que fazer.

— Quais as coisas que o senhor ainda vai fazer? Se não estou sendo indiscreto.

— Bem, dizem que contar os planos dá azar. Eu não acredito nessas coisas. Não sei se o senhor concorda comigo, mas a vida é para ser vencida. E no meu entender, vencer na vida é tirar dela o máximo possível.

— Máximo possível! E o que é exatamente isso?

— Ora todo mundo sabe o que é. Desde criança que a gente sabe que o negócio é não ficar para trás, não é isso? Ou o senhor é daqueles que acreditam que morar numa favela é melhor que morar num palácio?

— Não, não acredito nisso, não.

— Pois bem, eu pretendo ser um homem importante.

— Importante?

— Sim, porque os homens importantes têm tudo ao seu dispor.

— E quem põe tudo ao dispor dos homens importantes?

— Ora, os pobres diabos, os fracos, os medrosos, enfim aqueles que não fazem nada para vencer na vida, que não tem ambição.

— Ambição? E qual é sua ambição?

— Mas é justamente o que estou dizendo. Minha ambição é ser um homem importante, famoso, rico.

— E como se consegue essas coisas?

— Lutando, usando a cabeça, agarrando tudo o que se pode.

— O mais depressa possível. . .

— Exatamente, o mais depressa possível. Não se pode parar. Tem-se que passar de um salto a outro. . .

— Assalto?

— Assalto? Não. O senhor é um gozador, hein! Não, eu estou falando sério.

— Eu também. Desculpe. Foi que eu pensei ter ouvido assalto, só isso. Fique a vontade que não sou nenhum moralista.

— Pois é, eu dizia que precisamos passar de um salto a outro porque senão a gente cai...

— No vazio, no nada?

— Bem, eu não usaria essas palavras filosóficas. Mas a coisa é mais ou menos essa. É, eu não tinha pensado na coisa dessa maneira. Talvez o senhor tenha razão. O que existe fora dos saltos ou das marteladas que ficamos o tempo todo dando para viver, para ganhar a vida, talvez seja mesmo o nada, é, é isso, o nada. E o nada não é a vida, o nada é...

— A morte?

— Puxa vida, o senhor parece ter entendido bem essas coisas! É, a morte, exatamente a morte é o que acontece quando a gente para de saltar, de dar marteladas. . .

— Mas será mesmo que é a morte que faz o fundo, o espaço entre uma martelada e outra?

— Que outra coisa poderia ser?

— Suponhamos, apenas para compreender melhor, suponhamos que o senhor já tenha passado muitas vezes por este mesmo lugar aqui aonde estamos agora, certo?

— Suponhamos. E daí?

— Bem, entre uma volta e outra, entre uma martelada e outra, entre uma luta e outra para conquistar a vida, o senhor se sente morto?

— Não me sinto porque não paro. Não deixo acontecer nenhum intervalo entre uma volta e outra. Isto seria o meu fim.

— Talvez não seja. O senhor naturalmente já observou o mar.

— Claro. E o que tem o mar a ver com isso?

— O mar sozinho não. Mas o mar e as ondas têm muito a ver com o que estamos conversando.

— Não entendo.

— Mas vai entender se ficar bem atento e sobretudo se não tiver medo de se desapegar das idéias tradicionais que tem sobre a vida. Veja: entre uma onda e outra, do mar, o que existe?

— O que existe?

— Sim, o que existe entre uma onda e outra no mar?

— Ora, é claro que existe o mar.

— Então? O senhor não pode chamar o mar de nada, ou de fim, ou de vazio, não é?

— Correto.

— Então? Da mesma forma, entre uma ação e outra, entre uma martelada e outra, entre uma volta e outra, existe a vida. A vida se encontra bem viva tanto na hora que o senhor está correndo atrás de alguma coisa, digamos a onda, quanto quando está parado, digamos, o mar. Correto?

— Bem, está correto, mas a vida não é o mar, não é igual ao mar...

— Será que não é?

A conversa terminou assim, o caminhante se despediu para iniciar sua nova volta. Mas aquela última frase do outro homem: *Será que não é?* ficou dentro de sua cabeça, atrapalhando o fluxo normal de seus pensamentos. E assim por longo tempo.

A próxima volta não aconteceu. O outro homem não estranhou muito, mas sentiu saudade do caminhante. Alguns anos mais tarde, o caminhante surgiu ali e pediu um copo d'água.

— Bom dia. Como foi de viagem?

— Olhe bem para mim.

— Estou olhando.

— Estou vivo ou estou morto?

— Me parece bem vivo, por quê?

— Estou mais vivo do que nunca! Acho mesmo que só agora é que estou começando a viver.

— Esteve no mar?

— Não. O mar é que está em mim agora. Aliás, ele sempre esteve em mim, eu é que não percebia.

— E as ondas?

— Que pergunta mais absurda! Nós dois sabemos que mar e onda são uma coisa só. Não existe mar sem onda, nem onda sem mar.

— Olhe, chupe umas uvas e esqueça essas bobagens de mar e de onda senão o senhor vai acabar virando um pensador... Pensar é importante, mas a vida é para ser vivida em todas as situações boas ou más, em todos os agoras... Ou não?



AS DUAS MÁSCARAS

Vou andando preocupado com as pedras do caminho. Mas também vou andando preocupado com as flores do caminho.

Vou andando preocupado.

Em minha sacola levo duas máscaras. Uma de medo e tristeza que ponho no rosto quando tenho de passar pelas pedras. Outra de alegria e segurança para quando caminho entre as flores.

A certa altura, no meio do caminho, encontro alguém que me pergunta:

“De onde você vem e para onde vai?”

Para uma pergunta que me parece apenas filosófica, especulativa, sem nada de prático e de imediato, respondo fingindo filosofar:

“Não venho de lugar algum. Não vou para nenhum lugar”.

“Muito bem”, disse o alguém que encontrei no meio do caminho e que parecia ter caído no meu jogo de brincar com sua filosofia. E continuou:

“Estranho. Estranha resposta. Se não vem de nenhum lugar e se não vai a lugar algum, posso perguntar então por que está caminhando?”

Que delícia! Ele havia caído inteiro no meu jogo. Falei contente:

“Muito simples, bom homem que encontro no meio do caminho. Muito simples. A vida é movimento. Para os que não sabem ver, parece que estou caminhando. Mas na realidade estou apenas vivendo. Apenas vivendo, caminhando, vivendo, caminhando. Estou apenas vivendo como um rio que vive caminhando e parado”.

Despedi-me dele sorrindo feliz pela inteligência quase poética de minha resposta e mais feliz ainda por tê-lo feito de bobo. Por ter mostrado o lugar-comum de sua filosofia barata. Mas, infelizmente, quando eu já estava uns dez metros distante, o homem que encontrei no meio do caminho gritou uma frase que me incendiou inteiro:

“O rio não carrega uma sacola com duas máscaras dentro!”

Desse dia em diante continuei meu caminho mas não conseguia mais alternar as máscaras de acordo com as circunstâncias que ia encontrando. Tanto as pedras como as flores eu passei a ver através da máscara do medo e da tristeza. Descobri que eu não era tão inteligente como pensava ser e fiquei sofrendo muito com essa descoberta. Minhas pernas então caminhavam com dificuldade. Não tinha mais apetite para nada e as noites eram de insônia. Meu mundo havia caído. Meu mundo caiu, meu mundo caiu! Meu Deus, como sou medíocre! Meu mundo caiu, meu mundo caiu...

“O quê?” Me pergunta alguém com quem acabo de cruzar à beira de um rio.

“O quê, o quê?”

“O senhor falou comigo?”

“Ah, não, desculpe, eu estava falando sozinho”.

“Se não me engano ouvi o senhor dizer que o seu mundo caiu...” Olhei para ele com um olhar que não queria dizer mais nada e foi apenas minha cabeça num balanço desanimado que disse sim. Então convidou-me para sentar ali à beira do rio sob a sombra gostosa de uma árvore.

“Vamos descansar um pouco. Parece que ambos estamos cansados”. Era uma pessoa simpática, acolhedora. Seus olhos não procuravam saber quem ou o que eu era. Seus olhos apenas me recebiam. Me senti muito bem, conversamos por longo tempo e lhe contei sobre o meu caminho. Mas quando cheguei no lugar de encontro com aquele que me falou a terrível frase sobre as máscaras, ele me pareceu mais interessado. Pediu que repetisse os diálogos. Repeti e então começou a rir, mas era um riso doce, amigo:

“Se o senhor não se julgasse tão inteligente, tão esperto, tão já no fim do caminho estando apenas no meio, teria tido a oportunidade de aprender com aquele homem. Por se julgar mais inteligente do que ele, não conseguiu dar a última resposta”.

“Qual última resposta?”

“Ora, justamente a resposta que o homem esperava que o senhor desse”.

“Qual, pelo amor de Deus!”

“Muito simples. Quando o homem te disse que o rio não carrega uma sacola com duas máscaras, só existia uma resposta vital para ser dada. Pense. Concentre-se nisso”.

Nós dois nos despedimos. Muito tempo se passou.

Um dia nos encontramos novamente à beira do mesmo rio centenas de quilômetros depois.

Eu era então um homem muito contente de estar vivendo.

“Então? Cadê a sacola com as duas máscaras?”

Sorri olhando bem nos olhos dele e ele também sorria.

“Não precisa dizer. Numa manhã muito linda de primavera o senhor acordou e viu pela primeira vez que a vida estava viva. Então, tirou a máscara triste e medrosa do rosto, colocou-a na sacola junto com a máscara da alegria e da segurança, girou a sacola no ar e atirou-a no rio”.

“E gritei totalmente livre: Quem foi que disse que o rio não carrega uma sacola com duas máscaras dentro?”.



A IMITAÇÃO DE CRISTO

Finalmente aos quarenta anos aconteceu o amor bilateral. Finalmente aos quarenta anos poderia ser um homem livremente apaixonado.

Muitas vezes na vida se viu gostando de alguém. Mas procurava bloquear o sentimento, segundo explicava, por motivos de segurança. Claro, desde muito jovem entendeu que o amor de um só lado, unilateral, era um erro. Observava isto em si mesmo e nos outros. Assistia penalizado ao sofrimento de algumas mulheres que se apaixonaram por ele, sem que a recíproca fosse verdadeira. Aquilo era uma humilhação. Sabia de pessoas que se aproveitavam nesses casos para alimentar o seu ego e ainda por cima tirar todas vantagens que a situação favorecia. Não, isso era muito indigno, jamais sequer pensou em agir assim. Por isso, não permitia também que ninguém se aproveitasse dele quando estivesse do lado desfavorável, do lado do que ama e não é amado.

Finalmente aos quarenta anos ele se apaixonou e sabia que ela estava por ele apaixonada na mesma proporção. E isto era coisa muito preciosa. Desde os quinze anos que ansiava por esse acontecimento. Faria tudo para eternizar essa nova e maravilhosa realidade. Mas o que poderia fazer? Sua mente, durante toda a vida se acostumara a trabalhar de maneira científica na procura de posições sólidas, seguras, indestrutíveis. Era uma de suas especialidades. Tinha muito orgulho disso. Tornou-se um homem rico graças à maneira sempre cautelosa e segura de poupar e investir todo o dinheiro que sobrava após os gastos essenciais. Seu pensamento era sempre absolutamente lógico e não dava um passo, não fazia uma nova amizade, não comprava um sapato, não escrevia um simples bilhete, não programava uma viagem, não ia a uma festa ou a um enterro sem antes analisar demoradamente os prós e os contras, sem antes estudar os riscos e os benefícios de seu ato. Uma vez, por volta dos trinta e cinco anos, pediu ao dentista que

lhe arrancasse todos os dentes e lhe fizesse uma dentadura. O dentista tentou convencê-lo de que isso não era muito sensato, mas não adiantou nada. E mais tarde explicou a um amigo que insensato seria sofrer sempre dor de dentes e estar sempre indo ao dentista e pagando contas cada vez maiores. Seus dentes não ofereciam nenhuma segurança, nenhuma garantia de vida longa. Há vários anos que tinha de tratá-los quase todos os meses.

Viver sem segurança é conviver com o sofrimento. Isto para ele era uma regra de ouro porque uma certeza que havia brotado de sua própria experiência no trato penoso com as realidades da vida.

Mas à medida que ia aperfeiçoando suas técnicas e processos e comportamentos de sempre conseguir o máximo de realização com o mínimo de risco, seu coração (inexplicavelmente para ele) parecia se transformar cada vez mais em uma geléia medrosa.

Seu medo de dar ou de receber amor crescia na mesma proporção que seu sistema de segurança atingia altos de perfeição.

Mas finalmente aos quarenta anos aconteceu o amor bilateral. Finalmente aos quarenta poderia ser um homem seguramente apaixonado. Sem mais medo de dar, sem mais medo de receber.

Finalmente aos quarenta anos conheceu a mulher que sempre estivera dentro de si mesmo. Era bela como a beleza. Boa como a bondade. Amiga como a amizade. Leal como a lealdade. Digna como a dignidade. Sensível como a sensibilidade. Inteligente como a inteligência. Sensual como o sensualismo.

Uniram-se. E foram felizes até o dia que a felicidade durou. Houve um filho. E a que era somente mulher virou somente mãe.

A felicidade dele durou até o dia que tiveram um filho. Mas a felicidade dela continuou na nova união de seres que havia começado após o encontro verdadeiro entre o ele espermatozóide e o ela óvulo.

Sozinho novamente, ele voltou a aperfeiçoar seu sistema racional de segurança. A novidade agora em seu sistema era a abolição definitiva do encontro de amor.

Sofreu muito durante vários anos após a decepção maior de sua vida. Meditou longamente para descobrir onde estava o erro de tudo aquilo e descobriu depois quando já chegava aos cinquenta anos que realmente o erro estava no desejo de amar, na necessidade incontrolável do amor.

Mas será mesmo que o amor é uma necessidade incontrolável? Será que o impulso na direção do encontro entre os seres é uma realidade natural e por isso incontrolável?

Concluiu que não. Concluiu que se Deus era só, o homem também poderia ser. Cristo era um homem. Viveu e morreu como um homem e não se acasalou. E o que há de mais alto que Cristo? Por que a tentativa pequena de se identificar com um homem comum que ama e sofre, que casa e tem filho, que luta cegamente por amar e ser amado sem nunca conseguir isso de maneira definitiva? Por que não se identificar com o que há de maior, de melhor, de mais seguro, por que não se identificar com o maior de todos os heróis de todos os tempos, Cristo?

Então, ele riscou definitivamente o encontro amoroso entre os seres humanos. Isto, decidiu, era coisa pequena, coisa fraca, coisa de gente menor. Isto era ilusão e não uma necessidade natural como sempre supôs ser.

E daí em diante, sentia-se cada vez mais identificado com Cristo. Fez da bondade e da caridade seu novo apego. Tornou-se um homem humilde e pobre. Vendeu tudo o que tinha, menos as roupas mais velhas. E entregou tudo aos pobres. Com o passar do tempo, a roupa única que tinha foi ficando suja e esfarrapada. E com os pés descalços caminhava entre os homens pregando pobreza aos pobres. Porque os ricos não queriam saber dele. Mas acontece que os pobres querem ser ricos. Com tanto desejo quanto os ricos querem ficar mais ricos. E quanto mais pregava a pobreza aos pobres, mais estes começaram a também evitá-lo. Até o dia em que um grupo de mendigos o matou a pauladas porque ele queria forçá-los a comer

menos do que estavam comendo numa noite de Natal quando uma milionária havia dado um banquete aos pobres.

E assim ele morreu. Mas não ressuscitou, como o outro.

IR OU FICAR? I

Be olhou pela janela e viu que lá fora era um dia azul recém-nascido.

Já tinha ido ao banheiro, já tinha tomado café, já tinha se lembrado que já estava no dia marcado para fazer o que tinha de fazer.

Seria depois do almoço, às duas e quinze para ser exato. E ela estava e não estava preparada para o fato. Agora, enquanto saía de casa dirigindo o carro, sua mente estava bem bloqueada, isto é, os pensamentos não conseguiam fluir livremente, nasciam e quando prestava atenção neles, logo desapareciam, como se o esforço que fizesse para se concentrar produzisse um calor que os dissolvesse. Isto naturalmente aumentava sua sensação de insegurança que dificultava manter o carro governado no meio de um trânsito que exigia absoluta concentração.

Be se irritava ainda mais com o contraste entre o cinzento frágil que sentia dentro dela e o azul cheio de luz que entrara de repente na sua retina quando abriu a janela do quarto de manhã e esse azul persistia arranhando sua sensibilidade como que cobrando atenção para ele.

A sensibilidade de Be estava muito doente desde que sua mente entrou em dilema há um ano atrás. Iria ou não iria aonde tinha que ir? Tinha ou não tinha que ir?

Agora estava indo. Era o último dia do prazo que lhe deram. Ou do prazo que dera a si mesma?

Se eu for, terei as coisas todas que sempre quis ter. Mas ao mesmo tempo perderei algumas coisas sem as quais não sei se será possível viver. Qual o sentido de ter anéis se para tê-los tivermos de perder os dedos?

Não, não poderia continuar dirigindo o carro. Mais alguns minutos e um desastre seria fatal. Guiou até o estacionamento mais próximo, deixou o carro lá e começou a andar sem rumo pela rua.

Talvez andando a pé pudesse acalmar sua mente e organizar os pensamentos e quem sabe encontrar uma solução para o seu dilema. Não tinha muita esperança disso, mas pelo menos era menos arriscado que dirigir naquele trânsito perigoso. Se se decidisse ir, ainda teria tempo pois havia saído com bastante antecedência justamente para poder pensar um pouco mais se deveria ir ou não. Em casa, já não conseguia mais pensar. Toda sua casa ficou impregnada da sua indecisão. Não conseguia mais nem olhar para as paredes ou para um sofá, um quadro, um simples copo ou para o tapete, que todas essas coisas pareciam projeção de sua mente cansada, era como se se visse por dentro nos objetos de sua casa, tudo já patinado de seus sentimentos cinzentos, era horrível olhar para si mesma nas formas todas de sua casa...

Se for, eu ganho vida? Se não for, eu morro? Mas será que vale a pena ir e ficar viva, se viver, para mim, só tem sentido se eu não for? Não indo, continuo uma mulher solitária, insegura, sem entusiasmo pela vida, sem planos nem ambições, mas livre, livre, uma mulher que pode decidir sobre sua própria vida. Livre para levantar na hora que quero. Para visitar quem quero, para receber as visitas que quero. Para comer quantos bombons quiser sem me preocupar com a silhueta. Para educar meu filho da maneira que achar certo, para amá-lo, mimá-lo, para exercer tranqüilamente meus instintos de posse. Para ficar o dia todo vendo televisão. Para levantar de pijama e ficar assim sossegada e à vontade até a hora de voltar para a cama. Para não precisar me aborrecer nem com minha figura, nem com roupas, nem com convites de casamento, de batizado, de chás, com enterros.

Livre, livre, livre para cuidar ou não cuidar de minha vida. Livre, livre mas sozinha, livre mas com o sentimento de não estar vivendo, livre mas com medo de estar se afundando. Livre mas morrendo de vontade de calor humano, livre mas sentindo uma falta doida de carinho. Livre, mas presa. Enclausurada cinzentamente dentro de mim mesma. Se eu não for, acho que acabarei morrendo.

Mas e se eu for? Será que vale a pena viver sem liberdade? Será que viver sem liberdade não é igual a morrer? Se eu for eu morro. Se eu ficar eu morro. Não sei se quero morrer...

Pronto, andando pela rua tinha conseguido reorganizar seus pensamentos. Mas de que adiantou? Acabava de chegar à mesma conclusão de tantas outras vezes neste último ano. A mesma conclusão que aprofundava cada vez mais seu imobilismo. Só havia duas saídas: ir ou não ir.

E nas duas saídas, o cheiro escuro do nada.

— Devo ir ou devo ficar?

Foi o que Be perguntou ao homem velho de cara muito séria e gestos lentos da banca de jornais.

— Como? Quer falar mais alto? Revista ou jornal?

— Me dá esta revista, quanto é?

— O preço está escrito na capa, olha aí.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

O velho ficou olhando para Be sem movimentar um único músculo do rosto. Depois de algum tempo, começou a arrumar uma pilha de jornais e perguntou se Be queria mais alguma coisa. Be criou coragem e falou, desta vez mais alto:

— Quero sim. Quero saber se devo ir ou devo ficar?

O velho resmungou sem olhar Be:

— Aonde que a senhora quer ir?

Be forçou um sorriso, disse obrigado e voltou a andar. Ela não conseguia mais fazer a pergunta para si mesmo. Acabou não indo naquele dia. O tempo se esgotou, mas também não era um tempo assim tão fatal. No fundo sabia poder ir ou não ir.

Mas desse dia em diante, não aguentava mais o sofrimento de fazer a si mesma dia e noite a mesma pergunta. E passou a fazê-la aos outros. Alguns para quem perguntava, diziam simplesmente que ela precisaria dar mais dados, dizer exatamente aonde queria ir, etc. Outros simplesmente diziam não estar entendendo bem o sentido da

pergunta. Havia também os que sorriam. Um dia, de repente, talvez ela deva ter ido. Porque ninguém mais soube dela.

Sua presença tornara-se completamente imóvel, antes de ir.

IR OU FICAR II

Não sei se vou ou se fico?

Ela não entendeu, sei que não entendeu. Nem ela, nem as outras pessoas para quem tenho colocado meu problema. E no entanto é tão simples e claro. Aliás, acho mesmo, sem ter certeza, que esse é o problema de todo mundo.

— Entendi, sim. Não precisa ficar repetindo. Você está em dúvida se deve ir ou deve ficar... Não há mistério nisso. Não sei porque você faz dessa indecisão um problema tão grande.

— Não sei, não. Mas ainda tenho a impressão de que você não entendeu.

Já faz alguns anos que venho procurando as pessoas, amigos e até mesmo alguns que acabo de conhecer, para, sei lá, talvez para procurar alguma ajuda. E o gozado é que tenho certeza de que ninguém vai mesmo poder me ajudar. Antigamente eu não tinha essa coragem. E quando eu falo de antigamente, quero dizer bem uns oito anos. Sim, faz já uns oito anos que estou com isso na cabeça, me atormentando dia e noite. Mas acho que antigamente é que eu estava certo. Porque o negócio é eu resolver por conta própria, sem a ajuda de ninguém. Se quem vai ir ou ficar sou eu, que diabo uma outra pessoa tem a ver com isso? Ainda se eu dissesse assim: O que você acha? Devemos ir ou ficar?

E o interessante é que ninguém quer saber exatamente o que eu chamo de ficar ou de ir. Sei lá, me parece que as pessoas estão ficando cada vez mais espertas hoje em dia. Parece que ninguém precisa mais parar para pensar. Vão logo falando. A impressão que tenho é que as pessoas de hoje são mesmo mais espertas e já sabem tudo sobre a gente, já sabem quais nossos verdadeiros problemas, o que está por trás de nossas máscaras, o que nem nós mesmos sabemos sobre nós, etc.. É, isso anda mesmo acontecendo ultimamente. E então, se a pessoa para quem digo meu problema é ligada somente à parte social

da vida, vai logo se adiantando na afirmação de que nunca se deve tomar decisões precipitadas, que eu devo reconsiderar porque às vezes tomamos decisões em momentos de cólera e a cólera nunca é boa conselheira, veja meu caso, eu já estava de malas prontas, já tinha telefonado para um hotel reservando quarto, quando resolvi, nem sei porque, talvez inspiração divina, resolvi ouvir mais uma vez o que meu marido tinha a dizer. E sabe o que aconteceu? Conversa vai, conversa vem, ofensa daqui, ofensa dali, uma mágoa que precisava ser desabafada, uma lembrança sincera sobre o que iria ser dos filhos menores, alguns flashes de recordação de alguns momentos ótimos que já tivemos juntos, uma vontade súbita de ser abraçada e de chorar no ombro dele e pronto, daí a pouco estávamos juntos na cama num, você entende, num dos encontros mais gostosos que já tive em toda a vida. Percebeu? E veja que eu tinha a certeza de que tudo estava mesmo definitivamente acabado. E se eu tivesse ouvido a voz da cólera?

É, são coisas assim que acabo ouvindo quando proponho minha dúvida de ir ou de ficar. Mas acontece que nunca pensei em me separar de minha mulher. Isto, por incrível que pareça, nunca me passou pela cabeça. É isso, as pessoas hoje em dia parecem saber mais que a gente, sabem ler o que não está escrito. E ai de mim se dissesse que esse não era o meu caso! Fatalmente teria que ouvir discursos infundáveis sobre mecanismos secretos do inconsciente e coisas do gênero.

— O quê!? Você por acaso está pensando em suicídio?

— Quem, eu?

— Olhe aqui, preste bem atenção. A vida é muito mais rica do que a gente pensa.

Este outro não tinha nenhuma dúvida de que eu estava mesmo já com os dois pés no beiral do edifício mais alto da cidade lutando contra o medo de saltar para a morte.

— Os suicidas são covardes. Eu sei que são. Eles têm é medo de viver. De enfrentar a realidade. Covardia, pura covardia.

— Mas então como é que eles têm coragem para fazer o gesto final? É preciso muita coragem para tirar a própria vida, você não acha?

— Que nada. Nunca soube de um suicida que não fosse covarde. E isso que você pensa ser prova de coragem, nada mais é que alucinação. A covardia cresce tanto que o sujeito chega a ficar fora de si e então tudo fica mais fácil, é apenas um gesto inconsciente. Do mesmo jeito que os loucos ou os bêbados fazem coisas que a gente nem sonharia em fazer, entende? Mas escuta uma coisa. Você está brincando, não é? Olhe, você seria a última pessoa do mundo que eu pensaria poder fazer uma besteira dessa. Você não é covarde, eu te conheço.

Bem, se sou covarde ou não, realmente nunca pensei nisso. Mas uma coisa é certa: quando falei com esse outro, o suicídio definitivamente não era o meu assunto. Era o dele, que como os demais nos dias de hoje parecem ler as mentes e o que está por trás delas ou ainda aquilo que nunca esteve em nossas mentes. Mas nas deles.

Não sei se vou ou se fico. Isto é um fato. Mas o interessante e mesmo misterioso para mim que sei pouco dessas coisas que hoje todo mundo parece conhecer profundamente, o curioso é que não sei realmente quais os dois pontos da minha dúvida. Ou seja: 1. Não sei para onde vou. Não tenho um lugar da geografia para onde acho que poderia ir. Nem tampouco um lugar, vamos dizer, mental, um determinado estado de alma ou um ideal ou uma situação qualquer criada pela imaginação ou pelo simples desejo. Simplesmente não consigo conceber esse lugar para onde iria. 2. Não sei se fico. Mas ficar aonde? Onde estou? Mas onde realmente estou? Numa casa? Numa cidade, num país, num determinado continente? Bobagens. Essas coisas são vazias. Nunca me preocupei em me ligar a lugar

algum. Não vejo muita diferença em estar em Londres ou Tânger ou São Paulo. Não sou nem um pouco romântico. Esses lugares no fundo são todos iguais. Principalmente para mim que vivo mais para dentro do que para fora.

Então é isso. Não estou em lugar nenhum e não sei se fico nesse lugar ou se vou para algum outro que também não existe em minha mente. E como diabo vou explicar isto aos outros? Ridículo. Absurdo o que venho tentando fazer. É mas agora parece que finalmente caí em mim. Isto é, parece que descobri ter chegado ao fim da linha, dessa linha ridícula de tentar me encontrar com alguém através da verdade do meu problema. Os outros estão certos. O ridículo sou eu. Se eu não tivesse o problema que tenho, é claro que também não teria, como eles não têm, nenhuma abertura para entender alguém que viesse com esse problema maluco.

Às vezes penso em procurar um psicólogo. Mas logo desisto da idéia. Já sei tudo o que ele poderá dizer. E nisto, também acho que sou mais um dos milhares de sabidos dos tempos de hoje que já sabem antecipadamente tudo o que os outros pensam ou vão dizer. É, é de fato uma doença tremendamente contagiosa. Mas é que de fato o psicólogo não poderá dizer outra coisa mesmo, além de me achar desenquadrado dos padrões normais da maneira de ver as coisas. E no fundo é possível que ele tenha razão. Pelo menos se considerar pelo lado de que eu estou sofrendo, estou com problema. E isto é uma verdade indiscutível. Sim, mas nem todo mundo que está sofrendo precisa de ajuda de um psicólogo. Claro. É, mas o meu tipo de sofrimento é da especialidade dele. É coisa que vai dentro da mente... Mas que diabo eu poderia dizer a ele? Dizer por exemplo que a minha dúvida é vazia de referências? Que não sei localizar os dois lados do conflito?

Bom, para encurtar a história, acabei indo ao psicólogo. Decepção total. A conversa não engrenou e suspeito que com toda sua técnica não chegou a diagnosticar um só problema que fosse básico.

Principalmente porque eu não me mostrava nem um pouco ansioso e nem tampouco fechado em mim, guardando sentimentos ou fantasias. Não, nada disso, disse tudo o que estava dentro de mim e ele percebeu isso, viu que eu não tinha nada que esconder. E por isso ficou sem saber o que fazer.

Assim como logo de início o detetive já conhece toda a trama do que está querendo desvendar, mas a trama está vazia, não esconde nada e não há nenhum crime que tenha sido cometido, etc.

Mas um psicólogo que se preza, sente sempre dentro de si um impulso (freqüentemente não analisado) muito forte de resolver o problema do paciente. E embora sua razão não lhe proporcionasse nenhuma pista que pudesse levar à causa ou causas do meu mal, seu faro profissional garantia que havia coisas erradas em mim. E um dos sintomas preferidos pelos psicólogos, quando não encontram sintoma nenhum, é justamente concluir que o simples fato de serem procurados para ajuda já é um sintoma bastante claro. Por isso, não tendo dúvida de que eu estava mesmo doente e não sabendo como me tratar por falta de evidências analisáveis, decidi me enviar a um psiquiatra. Com o qual tudo ficaria mais fácil. Porque os psiquiatras, como se sabe, não precisam muito de psicologia. Basta terem a certeza dogmática de que o cliente não está sadio. E também nesse caso o fato de serem procurados pelo cliente ou por alguém em nome deste, basta para que comecem logo suas experiências de alterar o cérebro da vítima com produtos químicos ou aparelhos elétricos. Com o psiquiatra indicado tudo ficaria mais simples. Ficaria, mas não ficou porque eu achei que não devia procurá-lo. Decidi salvar-me por conta própria. Mas salvar-me do que?

É, esse continuava sendo o grande problema. Para mim mesmo, usando a técnica da causa e efeito, só conseguia perceber o seguinte: Por que eu não era como os outros? Por que eu não podia levar uma vida tratando somente das coisas difíceis ou fáceis, tristes ou alegres do dia a dia? Por quê? Ora, a resposta era simples. Simplesmente

porque não conseguia tirar de minha cabeça a famosa dúvida de ir ou de ficar. E assim, a causa da minha anormalidade era evidente. Mas qual seria a causa daquela causa? Isto é: por que diabo aquela dúvida nascera em mim e mais que isso, não me deixava de jeito nenhum por mais esforço que fizesse? E nesse sentido, me sentia um tanto orgulhoso. Havia detectado de maneira bem clara o sintoma de meu sofrimento, que era aquela maldita dúvida no meu cérebro como um tumor mau. Orgulhoso porque o psicólogo, com toda a sua experiência e estudos e talento não encontrou sintoma algum. Ou será que nem precisou procurar? E lhe tenha bastado minha idéia fixa naquela dúvida sem conteúdo prático, sem referências objetivas, para entender logo que meu caso era mais grave, etc.? É possível E nesse caso já estou bastante adiantado no caminho da loucura!

Para ser sincero, eu me fechei diante do psicólogo. Fiz o que eles chamam de bloqueio e deve ter percebido isso claramente. Sempre que perguntava se aquela dúvida me impedia de viver livremente, de trabalhar, de relacionamento normal com os outros, eu respondia que a tal dúvida era assim como um assunto à parte, isolada da minha atividade comum, diária, etc. E que minha vida corria normalmente como a vida de todo mundo. E quando lhe perguntei se ele também não tinha problemas comuns, dos que todos têm, quis que especificasse a que tipo de problemas me referia. E falei de dificuldades financeiras ou gostar de alguém que não gosta da gente, ficar aborrecido porque alguém nos passou para trás, dor de dente, vontade de se divertir, preocupação com a morte, alguma falta de segurança, ou às vezes não encontrar muito sentido na vida, no esforço cada vez maior que se faz para viver sabendo-se que a qualquer hora vem a morte, etc. Me ouviu com muita atenção, tomou algumas notas e quando parei de falar, pediu que continuasse:

— Vá falando, fique bem à vontade, continue falando sem se preocupar se o que diz está certo ou errado, ou se é importante ou não, vá falando sem se preocupar... Mas aí eu interrompi para cobrar a

resposta da minha pergunta. — Mas que pergunta? — O senhor já se esqueceu que lhe perguntei se também não tinha problemas desse tipo?

O psicólogo sorriu. Em seguida me explicou que não eram os problemas dele que iriam ser estudados e sim os meus, porque ele sabia viver com os problemas normais da vida. Mas será que sabe mesmo? — Bem, se sei ou não sei, não é importante. O que interessa é que está pedindo ajuda e não eu, percebe? Isto é muito importante. Quando eu não puder mais lidar com os problemas que tenho de enfrentar, então, se for o caso, irei também pedir ajuda e me transformarei em paciente, certo?

É, ele parecia estar certo. Embora eu não tenha dito nada de mim mesmo e tenha acentuado indiretamente que os meus problemas eram problemas de todo mundo, ele deve ter naturalmente percebido que eu não queria ou não podia contar sobre todo esse terrível sofrimento que me acompanha desde o dia que essa maldita dúvida entrou em minha cabeça. Como, durmo, ando, sento, deito, vou ao banheiro, saio para a rua, fico em casa, sempre com a dúvida fervendo no meu cérebro. E às vezes a dúvida se transforma numa dor que dura horas, uma dor difícil de definir que ocupa ora o centro da cabeça, na parte de cima, ora desce mais forte na direção da nuca. E nessas horas fico apavorado com medo de ficar louco, penso que aquela dor é o começo da loucura. Mas já pensei também que fosse um tumor com mensagens muito claras da morte, etc. Mas o interessante é que o desejo de me matar nunca veio nessas horas da dor. Sei lá, talvez porque a dor me desse tanto medo que o medo me fizesse companhia, me distraísse do desespero. Bem, não era propriamente uma vontade de me matar. Era mais um terrível pavor de me suicidar. Qualquer coisa assim como se o suicídio não dependesse de mim para ser realizado. De repente, pá, eu me suicidava. De repente, a dúvida, o vazio, o absurdo de continuar vivendo cresceriam tanto que escapariam de mim, do meu comando sobre meus atos. Mas por que

continuar falando desse sofrimento que me acompanhou por oito, dez anos? Quem já passou por coisa semelhante sabe tão bem do que estou dizendo que nem precisa ler. E quem nunca experimentou esse tipo de desligamento cinzento da vida, de fechamento escuro para o mundo exterior, de susto constante diante do nada, quem nunca sentiu isso, tudo o que eu mais disser, como o que já disse não tem nenhum sentido e no máximo dirão que é o que deve acontecer normalmente com as mentes doentias, fracas, voltadas mais para o lado da morbidez que da realidade, etc.

Bem, mas novamente para encurtar essa história desagradável devo acrescentar que numa certa manhã de um certo dia de um certo mês de um certo ano, eu acordei completamente paralisado. Nos meses que antecederam essa manhã, gradualmente eu me sentia cada vez mais sem vontade de fazer as coisas já poucas que meu físico ainda continuava fazendo para sobreviver. Para que me movimentar? Para que ir a determinado lugar? E já estava até descobrindo teorias que me pareciam muito certas sobre o absurdo da maioria dos deslocamentos que nosso corpo executa durante um dia. Para que procurar alguém? Para ouvir sempre as mesmas coisas? As mesmas frases vazias sobre coisas sempre sem importância? Tudo sonho. Tudo ilusão. Querer ser mais rico, mais importante, mais amado. Para que? Querer amar. Mas ou se ama ou não se ama. E eu não sentia nenhuma necessidade de amar. Coisas assim fui deixando de sequer pensar sobre elas. Já estava, na prática, fisicamente e sem perceber, eliminando um dos lados da minha dúvida, do meu maldito conflito. Eu já não ia. Eu só ficava. E foi justamente na manhã que falei, quando me vi ao acordar que estava completamente imobilizado, foi então que percebi não querer e não poder mais precisar de ir. Eu finalmente era alguém que só ficava. A dúvida desaparecera. Mas logo percebi desesperado que não era a dúvida exatamente que havia desaparecido e sim era eu que começava a desaparecer. E nesse caso não era de jeito nenhum uma nova fantasia ou um movimento torto da

mente. Não. De fato eu começava a desaparecer. E muito rapidamente. Do momento em que percebi a imobilidade até a percepção de que minha pele começava a ficar flácida e amarelada e depois o insuportável cheiro de carne se apodrecendo, não pareceu passar mais que alguns segundos.

Talvez alguns dias depois disso, me vi no centro de um deserto. E vi a coisa mais espantosa que algum mortal possa ter visto, disso tenho certeza. Já noitinha, o sol acaba de se por e notei que eu era apenas um esqueleto ali estirado sobre a areia. Claro que fiquei apavorado. Não fiquei arrepiado porque já não tinha mais pele, mas senti que aqueles ossos tremeram ou pelo menos pareciam tremer.

O interessante de tudo isso foi que eu continuava tão mergulhado na minha preocupação mental, tão envolvido por meu problema, por minha fixação na dúvida de ir ou de ficar, sem saber se o certo era ir ou o certo era ficar e tão fora de mim por não entender muito bem o significado de já ter ficado, só ficado, que, confesso sem nenhuma vergonha que não cheguei a dar a devida importância ao fato de minha pele, meus músculos, meus órgãos todos terem se apodrecido, terem sido talvez comidos por vermes ou aves de rapina, não nada disso parecia me preocupar a ponto de esquecer, de me desviar da preocupação com minha dúvida, com a necessidade de encontrar uma verdade para garantir minha decisão de ir ou de ficar. Mas o fato de perceber, no começo da noite que eu já era só ossos, isso parece que finalmente me acordou para a verdadeira realidade do meu estado. E por isso, fiquei a noite em claro, tomando conta do grande medo de já estar morto, definitivamente.

As horas passaram muito devagar por dentro do meu pavor noturno e quando as primeiras claridades do sol bateram quentes e vitais sobre meus ossos ali estendidos na areia do deserto, uma luz muito luz, diferente de todas as luzes que já havia visto pareceu nascer dos meus ossos. E pela primeira vez na vida vi tudo o que precisava ser visto. Entendi tudo o que precisava ser entendido.

Desse dia em diante, nunca mais me preocupei com ir ou com não ir. E mais ainda: se hoje me perguntarem se sou ou se não sou, acredito que irei sorrir. Não de quem me pergunta. Mas do absurdo de se fazer uma pergunta dessas.

IR OU FICAR? III

— Vamos?

— Não, eu não vou.

E não foi. Os outros foram. Todos os outros.

No começo ele sofreu a certeza terrível de ter ficado. Um “ter ficado” diferente de outros “ter ficado” que experimentou algumas vezes.

Ficar quando todos ficam ou mesmo quando a maioria fica ou ainda quando alguns ficam ou quando um só ficou com a gente era até bastante suportável. Aí a gente não chega a experimentar a dúvida. A gente inventa que os que foram não souberam ficar, que fugiram, que deram um passo errado, que correram atrás de um sonho, que são pobres ambiciosos, que, que, que.

Mas também podemos nos voltar para nós mesmos reconhecendo algum medo escondido, preguiça, falta de apetite, talvez preferência contraditória pela segurança, ou que não estava na hora, não estávamos preparados e que iríamos também assim que o momento e nossas forças fossem definitivamente propícias.

— Você está escrevendo?

— Parece que sim.

— Posso perguntar sobre o que?

— Sobre o não ir.

— Ah, entendo. Está escrevendo sobre o ficar.

— Não. O não ir é apenas o não ir. Só quem não vai e fica sozinho não indo sabe que o não ir inclui também — e tragicamente — o não ficar.

— Não entendi muito.

— Não pensou muito.

Ficar sozinho. Ficar assim é começar a construir uma prisão com pedras de dúvida. Todos os dias uma nova pedra. Estar só é se acompanhar da dúvida.

Ele ficou, os outros todos foram. E se todos foram é difícil se convencer de que todos estão errados. Também não poderia aceitar que estava errado somente pelo fato de que todos pensavam e agiam de maneira diferente. Isto seria negar a existência de Deus. O que caracteriza Deus, em todas as religiões existentes ou por existir, é ele ser único, só, e diferente de todos os mortais. Deus não é gregário, não anda com o rebanho, não age porque os outros agem, jamais iria porque todos os outros tivessem ido.

É assim que vamos construindo a prisão da dúvida. Esses foram apenas dois exemplos, duas pedras. Que tal uma vida com duas pedras dessas todos os dias? E é preciso notar que construir a prisão da dúvida não nos dá nem a distração ou consolo de ver a prisão crescer. Para ser exato e confundir um pouco essa imagem de pedras e de construção do edifício da dúvida, é preciso observar que a construção é prisão justamente por não poder ser construída! Assim, a pedra que informa estarmos errados porque todos os outros estão certos, é anulado pela pedra de que Deus é um ser sozinho.

Bom, depois disso, já sabemos que a vida do nosso herói andava pela hora da morte. Não tinha ido com todos os outros. Não conseguia ficar em paz onde tinha ficado. E o tempo foi passando.

Como todos os que não vão e ficam sozinhos, ele durante longo tempo tinha vivo interesse em saber notícias dos que tinham ido. Cada notícia era logo comparada com seu estado atual. E como são desvantajosas, ao serem comparadas, as vidas dos que continuaram sempre indo, com a vida parada de quem ficou! Uns tinham ficado muito ricos. Outros eram alguém em um país distante, soube de um que tinha casado pela quarta vez. Um outro se tornou campeão. No início procurava saber só das coisas negativas, das desgraças que aconteciam com aqueles que tinham ido. Mas depois percebeu que aquilo era um triste consolo. Uma bobagem porque muitas das desgraças que alguns experimentavam também poderiam acontecer com ele e mesmo já havia acontecido uma ou outra. Portanto a

desgraça não era a condição necessária dos que foram. E daí em diante, recolhia quase que só as notícias favoráveis. Sendo estas também em maior número porque reflexos de feitos destacados e por isso encontrando maior divulgação. E o tempo continuou passando. Um tempo diferente do tempo comum experimentado pelos que continuam atentos aos passos sucessivos de um caminho traçado. O dele era um tempo para dentro. Um tempo difícil de ser medido porque sem muitas referências. Para quem está só e parado, um dia é igual a outro dia. Ele, voltado para dentro de si mesmo, não conseguia notar muita diferença entre as estações do ano, que acontecem por fora de nós. Quem se dissocia da hierarquia das ações e dos acontecimentos, começa a perceber que o tempo não existe. Não no começo. Que no começo dessa experiência o tempo cresce todos os minutos como um monstro faminto. Mas com o tempo, o tempo vai deixando de ser monstro devorador e se tornando uma fumaça absurda. Mas ainda perturbadora. Nosso herói já estava há muito tempo convivendo com essa fumaça cinzenta. Por isso, o medo de perder tempo (o tempo como monstro faminto) e a incompreensão do tempo (o tempo como fumaça sem sentido) tinham cedido lugar ao tempo não-tempo.

Foi quando recebeu a notícia sobre o mais bem sucedido dos que haviam ido.

Aquele que tinha tido várias e as mais belas mulheres. Aquele que tudo onde punha a mão virava ouro. Aquele que por mais que se esforçasse jamais conseguia perder uma batalha. Aquele que nos noticiários conseguia sempre mais espaço que as notícias de catástrofes. Aquele que nunca parou, que foi sempre em frente numa velocidade impossível de ser acompanhada. Mas quando nosso herói soube que esse aquele havia definitivamente chegado, levou o primeiro grande susto de sua vida.

A morte então era o sinal de chegada? Bom, todo mundo sabe disso. Mas quantos têm consciência da morte durante a corrida? Será

que quem sabe que a morte é a chegada encontra entusiasmo para correr?

Perguntas desse tipo começaram então a frequentar os pensamentos do nosso herói. Quem corre, morre. Quem não corre, morre.

Até que de repente seus pensamentos ficaram mais claros.

Quem corre, morre! Quem não corre, morre! Que coisa maravilhosa que é isso!

Uma coisa tão simples. Uma coisa que todo mundo sabe, mas que todo mundo não sabe. E então pensou assim: É, por outro lado, a vida exista tanto quando corremos como quando não corremos atrás dela. Correr e não correr são os dois lados... Os dois lados...

E deu uma gostosa gargalhada. Finalmente sentiu que não precisava dizer, nem para si mesmo, do que exatamente os dois lados eram dois lados.

OS DOIS CHIFRES DO UNICÓRNIO

É uma flor-sol. E o Sol procura acompanhá-la sem perder majestade. Embora se mostre um tanto perturbado quando alguma outra estrela-maior insiste em se referir a ele pelo apelido de gira-flor. Sei lá, coisinhas do grande mundo que talvez não seja importante para quem esteja distanciado das intrigas celestes. Problema intimista de vaidade estelar, ou de rivalidade talvez porque as tais estrelas que ironizam o Sol por ele ter se viciado em uma flor, gostariam também de ser rei dos astros, etc.

Mas o caso do sol gira-flor se torna uma coisa importante quando se sabe (e poucos sabem porque é um segredo sagrado) de sua peculiar relação com o aparecimento do Unicórnio no mundo dos homens.

A história começou há muito tempo atrás. Muito antes do homem se tornar sapiens. O Sol nessa época não girava em torno da Terra como hoje. Porque apesar de todos os sofisticados cálculos matemáticos que santificaram as observações dos astrônomos, qualquer criança sabe (pois é o que nossos olhos nos garantem) que o Sol gira em torno da Terra e não o contrário.

Quem nunca pensou nisso por receio de parecer ignorante, procure observar por conta própria, sem ligar a dogmas, sem idéias preconcebidas. É evidente que verá com clareza indiscutível a volta serena e majestosa que o Sol descreve no céu ao redor da Terra.

Sinceramente, dizer que não é isso o que acontece é ser mentiroso, esnobe ou então é sofrer dos olhos. Mas o importante é que aconteceu uma grande flor amarela aqui na Terra. O Sol viu essa flor. Ficou logo deslumbrado, louco por ela. Tão louco que perdeu sua imobilidade monárquica. Passando a girar em torno de nossa flor. Era um girar apaixonado esse do gira-flor esplêndido em suas vestes de ouro. Um desejo-volúpia de ficar o tempo todo sentindo aquela

magnífica flor executar seus movimentos de vida. O Sol ficou tonto com o ritmo desesperado daquele amarelo louco.

Uma festa, uma estonteante orgia para o velho rei cansado da monotonia celeste onde talvez o mais divertido ainda fosse a auto-excitação com seu próprio calor.

O Sol então ganhou um outro ritmo com seu novo amor. O Sol-gira-flor deixou sua imobilidade monárquica-senil para correr dia e noite em torno da flor-amor.

Um dia, quando como de costume tinha terminado de se deitar no Oriente e de se levantar no Ocidente, aconteceu o fato maravilhoso que iria determinar o Unicórnio.

Mas é fundamental entendermos bem esse simultâneo deitar e levantar do Sol. Apesar de parecer absurdo, é preciso saber direito que o Sol se deita e se levanta ao mesmo tempo. No exato momento em que se deita para o descanso de um longo dia de amor com muita luz e calor, ele está saindo da cama para iniciar um outro dia de intenso carinho. O Sol morre no Oriente e nasce no Ocidente simultaneamente. É assim.

E assim também foi o nascimento do Unicórnio. Um certo dia alguém tentou apanhar a flor e sentiu um calor intenso nas pontas dos dedos. E no mesmo instante teve uma iluminação. Que ficou famosa com o nome de A Iluminação do Calor da Flor na Ponta dos Dedos. Sua iluminação não foi diferente de todas as iluminações anteriores ou posteriores. Ele percebeu profunda e definitivamente que o gira-sol e o Sol eram uma mesma coisa. Rompeu naquele momento com o dualismo que existia (em sua mente) entre o gira-sol e o Sol. Desvendou o grande mistério do um mais um é igual a um.

E seu deslumbramento foi tão bonito que sem perceber se viu cantando e pulando como uma criança que acaba de ganhar o brinquedo que mais queria na vida. Ficou depois não se sabe quanto tempo vagando extasiado pelo bosque sem fim, pelo jardim inteiro que o mundo todo havia se tornado.

E de repente aconteceu uma coisa tão maravilhosa que fez ele ter um susto de alegria mesmo dentro do êxtase. Viu um grupo florido de flamboyans dançando sobre uma gramado cheio de florzinhas que cantavam suas cores em vários tons. E à sombra dessa dança densa de flores e folhas lá estava branco de luz o Unicórnio. Tranquilamente comendo um amor-perfeito.

Sem dúvida ele acabava de chegar ao fundo da dimensão infinita de seu novo estado. Ao ver o Unicórnio viu pela primeira vez que tudo era perfeito e divino da maneira que era. Pela primeira vez sentiu o sentido da liberdade. Livre era ser como ele era e ver as coisas todas do jeito exato que elas eram. Etc. Tudo estava certo desde o princípio. Tudo era amor porque não havia mais nem belo nem feio. Tudo estava bem porque não havia mais nem bom e nem mau. E a presença do Unicórnio lhe garantiu isto.

Mas novamente e na seqüência do deslumbramento ainda teve um espanto maior:

Foi quando olhando bem para a cabeça do Unicórnio percebeu claro que o Unicórnio tinha dois chifres, sem deixar de ter um só. Não é incrível?

AMOR À VIDA

Ridículo. Qual o sentido de se preparar para a morte? Gomo me irrita quando dizem coisas assim: “todos temos de morrer” ou “é um fato da natureza, uma coisa natural” ou “hoje vai este, amanhã vai aquele...” ridículo e insuportável! Coisa de gente que não tem prazer de viver.

Ele tinha um prazer enorme em viver. Levantava-se sempre cedinho e ia dormir o mais tarde que sua saúde permitisse. Claro: se pegarmos uma vida de, vamos dizer, setenta anos e lhe tirarmos oito ou nove horas perdidas no sono de cada dia, o que fica? Cada três dias, perdemos um dia. E o saldo final será qualquer coisa assim como vivermos apenas cinquenta anos em vez de setenta. Mas não é só no sono que perdemos vida. É também na preguiça, nas indecisões, no desânimo, no medo de agir, de pegar o que se quer, na não satisfação dos desejos, etc. Viver é pegar a vida nas mãos. É aproveitar todos os segundos com intensidade. Um segundo sem aproveitar a vida, é um segundo dado à morte.

Uma vez ele sentiu vontade de matar um funcionário de um hotel de praia. Foi assim: eu já havia tomado o café da manhã e o dia estava maravilhoso, um sol novinho e dourado como uma coroa de rei lá no céu inteirinho azul. Bom, no café já comecei a ficar irritado com a moleza, com a preguiça e ineficiência do garçon que levou quase vinte minutos para me servir e o sol lá fora já saído há tanto tempo se perdendo, sendo desperdiçado.

Mas quando ele chegou na praia, o funcionário ainda não havia instalado seu guarda-sol, sua cadeira de deitar, sua esteira, nada, nada. Claro que não ficaria bem ele se estirar na areia como um cachorro ou um desses coitados que não podem pagar um hotel caríssimo.

Aquilo me deixou louco da vida. E sabe quanto tempo tive que esperar para o cretino fazer o serviço para que era pago? Meia hora. Isso mesmo. Meia hora. E eu ali, de pé, esperando. E quando o

funcionário terminou de plantar o guarda-sol colorido na areia e preparar a cadeira e a esteira, uma nuvem cobriu o sol. Não, não foi uma nuvem pequena e rápida, não. Foi uma nuvem que cobriu o sol às oito horas e só foi embora minutos antes da hora do almoço.

Até hoje me lembro, se não fossem uns jovens que passeavam por perto e que vieram em socorro do funcionário do hotel, juro que o teria matado ali com as mãos no pescoço dele.

Não. De início ele não quis acreditar. Chegou até a procurar um colega. Não que duvidasse de seu próprio diagnóstico, era um médico notável. Talvez, tenha sido mais para tentar se enganar, sei lá.

Primeiro uma hepatite que não foi bem tratada. Veio uma segunda. E quando viu estava com uma cirrose já bem adiantada. Ficava três, quatro horas numa quadra de tênis. Sei lá se queria provar alguma coisa. O fato é que ficar tanto tempo numa quadra de tênis e ainda mais no sol de verão e jogando com jovens que, naturalmente teriam mais resistência que ele, era uma prova de grande forma física se considerarmos os seus quarenta e oito anos, é ou não é?

Da piscina também não havia quem o tirasse de lá, gostava de competir com qualquer um que estivesse no grupo, mostrando sempre mais fôlego, etc.

Por quê? Ridículo. Isso é conversa de impotente. O que há demais ou de anormal em realizar dois atos sexuais um em seguida do outro? Se eu tenho vontade e posso fazer, qual é o mal? Certas mulheres gostam de dizer isso só porque não são boas parceiras, só porque não estão à altura. Mas nunca ouvi isso de mulher que como eu também gosta de sexo. Provar que é homem, provar que ainda é jovem, coisas estúpidas, pura frustração de impotentes. Ah, como são ridículas essas teorias!

Ele ficou paralisado. Eu pedi que me contasse tudo, sabe, no fundo eu queria que ele desabafasse, vi logo que estava apavorado, mas nada, ele estava mudo e paralisado na minha frente. Sua expressão não era nem um pouco suavizada pela dor, quero dizer, não

ficou nem um pouco macio, passivo, de músculos moles sem força como quando a gente percebe que o mundo da gente caiu, não sei se estou sendo clara, sei lá ele estava ali duro, imóvel, calado, duro como uma estátua de pedra. A dor nem parecia existir lá dentro dele.

Bom, a primeira coisa que senti foi ódio. Do que? Sei lá, meu ódio era ódio puro, sem objeto. Ódio de Deus? Não acredito em Deus. Ódio dos outros ou de alguém em particular, mas como se ninguém tinha culpa daquilo? Ódio de mim mesmo? Mas o que eu tinha feito de errado? Talvez não ter curado bem a primeira hepatite. Mas isso é ridículo. Eu sabia que poderia curar uma hepatite a hora que quisesse, ridículo.

Quem ou o que foi responsável por minha cirrose? Ninguém, nada. Não havia quem eu pudesse odiar. Mas meu ódio era autêntico, eu sentia ódio, só ódio, um ódio imenso, meu corpo inteiro se transformou em ódio.

Tudo o que fiz para suavizá-lo foi inútil. Nada o amolecia. Mesmo quando começou a falar, não dizia nada que não fosse pesado, forte, agressivo contra sua maldita sorte. O terrível é que ele, por ser médico, tinha certeza de que iria morrer em pouco tempo.

Palhaçada. Qual o sentido de viver pela metade? Vida é vida, é uma coisa inteira. Ou se vive a todo vapor, com toda a potência ou não se está vivendo. E se sabemos que a vida, pela metade, mesmo assim irá durar apenas mais uns estúpidos seis meses, então, pelo amor de Deus, tem algum sentido continuar com a palhaçada. Em nome do que?

Em muito menos. Em três meses já estava acabado. Um dia tentei fazer com que visse o que estava fazendo. Foi de madrugada. Acordei de repente e vi que ele estava de olhos bem abertos, deitado de costas ao meu lado, suando e com os dentes cerrados. Tivemos a maior e última discussão de nossos vinte anos de casados. Houve um momento que pensei que ele iria me matar e então comecei a lhe dar razão a fingir que também, no caso dele, faria a mesma coisa. Mas um

pouco antes, quando gritei que estava se suicidando por não seguir direito o tratamento, os regimes, os remédios, etc., ele pegou uma faca daquelas de abrir páginas de livro que estava na cabeceira e avançou para mim de olhos arregalados e com uma cara que até hoje de vez em quando sonho com ela. Encostou a faca no meu pescoço e berrou com a boca espumando de tanta cólera e de tanto falar seus argumentos e seu ódio: Muito bem, muito bem, sua idiota! Então vamos ver. Um simples movimento meu e você morrerá. Vamos, agora que a morte já está aí na sua cara, e sua vida está por um fio, não na imaginação ou nas com versas, mas aqui e agora, veja, olhe sua cretina, olhe, é a morte que está aqui, olhe bem para ela e me diga se gostaria de estar no meu lugar! Não gostaria não é, sua filha daquilo. Pois então, ponha-se no meu lugar. Veja o que me resta, veja o que poderá ser a vida para mim. Mas veja daí de onde está, veja pelo lado da morte chegando, da morte de verdade, da morte já na sua frente! Então lhe disse que no lugar dele também não iria ter forças para lutar. Isso acabou dando certo. Falei e comecei a chorar e ele se levantou, parecia mais tranquilo. Foi até o banheiro. Trancou-se lá. Fiquei assustada. Bati na porta. E ele continuou me agredindo: O que foi, não posso mais ir ao banheiro? Abriu a porta. Olhou bem fundo nos meus olhos e falou com certa calma e mesmo certa consciência pela primeira vez desde que soube que estava condenado: Eu não tenho coragem de me suicidar. Mas também não tenho mais coragem de viver.

Quando ele morreu, confesso que tive uns sentimentos meio confusos de pena, de medo e mesmo de certo ódio por ter tornado tudo mais difícil para mim e para as crianças. Sei lá. Talvez se tivesse aceitado a morte, se o caminho até o desfecho tivesse sido gradual eu talvez tivesse me acostumado, tivesse tido tempo de aceitar o fato, sei lá, acho que o culpo um pouco até hoje. Não sei, continuo confusa. Logo no começo, quando ele ainda conseguia conversar em vez de berrar e agredir feito um louco, me disse qualquer coisa como ter uma grande pena das crianças e olhou para mim querendo sugerir que a

pena me era também extensiva, pena por ter que assistir além do sofrimento dele o sofrimento nosso vindo dia a dia ele ir deixando de ser vivo para se transformar em morte... Sei lá, acho que quando alguém não tem coragem diante da morte, o sofrimento é muito grande para todo mundo. Sei lá, acho que esse negócio de gostar demais da vida não está muito certo também. Depois de todo aquele pesadelo, morro de pavor cada vez que me sinto apegada a uma alegria qualquer ou a uma simples roupa nova. Sei lá, qual é o certo: agarrar-se à vida ou não se agarrar?

Francamente não sei. Só sei que tenho um grande medo.



ESSAS COISAS

Seria dentro de pouco tempo. Era preciso fazer tudo depressa. Mas com muito cuidado. Um passo em falso e tudo iria por água abaixo.

Tudo o quê?

Essa pergunta estava sempre acendendo em sua cabeça. Acendendo às vezes tão forte que chegava a queimar. E num dia em que a pergunta insistiu demais pela resposta, pareceu ter percebido um pouco de fumaça sair de suas narinas e ouvidos.

Tudo o quê? O que seria exatamente esse tudo que iria por água abaixo se não tivesse cuidado? Faltava pouco tempo. Mas também isso de faltar pouco tempo surgia como outro enigma. Como poderia faltar pouco ou muito tempo para uma coisa tão indeterminada como aquela?

Tudo iria por água abaixo em pouco tempo se não tomasse bastante cuidado.

As roupas exatas ao alcance da mão. Os sapatos bem engraxados. Tudo pronto para a hora certa. A escova de dentes e a pasta. O guardanapo branco bem lavado, bem passado, bem engomado. A caneta com tinta azul. O chaveiro com três chaves. A Bíblia, O Corão, O Gita, O Talmude, O Tao Te Ching. Os óculos escuros bem limpos para enxergar bem claro. A chupeta e o vidro de mel. O soro contra mordida de cobra. O cordão de isolamento. Os carboidratos e os sais minerais. O cinzeiro. O vidrinho de mercúrio cromo. O ferro de passar roupa. O tabuleiro de xadrez. A garrafa de vinho branco. A chupeta e o vidro de mel. Os comprimidos calmantes e os excitantes, e o copo d'água para tomá-los. O extintor de incêndio. O relógio e o calendário. O talão de cheques. O revólver e a caixa de balas. A carteira de identidades, os Alpes, O Velho Testamento, o Vesúvio, a condição humana, o Rio Ganges, o complexo de Édipo, a galáxia, o estouro da boiada, o passaporte. O maço de cigarros. A

apólice de seguro. O pneu sobressalente. A lanterna, o lenço, a garrafa de whisky, é de fato eram muitos itens. Cada dia lembrava-se de dezenas de outros e todos fundamentais, não podendo esquecer nenhum sob pena de tudo ir por água abaixo.

Mas exatamente o quê iria por água abaixo?

A mulher pegou o filho e foi embora. “Está contente? Era isso que você queria, não era? Primeiro acabou com todos os amigos, um por um, e agora destruiu também a família!”.

Amizade, amigos, família, esposa, marido, filho, mãe, pai, parentes, o enteado, o sogro, o primo, o vizinho, a boa educação, a sociedade, dignidade humana, solidariedade, amor e fraternidade e comunidade e humanidade, o clube, a solidão, o bem estar social, o ambiente de trabalho, o seio da família, a responsabilidade, a crueldade, a humildade, a personalidade, o amor ao próximo, o calor humano, os fracos e os oprimidos, coisas essas sempre existindo em sua cabeça como existiam a Torre Eiffel, a floresta amazônica, as pirâmides do Egito, o Lago do Cisne, o Cavalo de Tróia, o Rei dos Reis, a Catarata do Niagara, o Santo Ofício, o vale de lágrimas, a Floresta Negra, o tremendo exploração do homem pelo homem, a Santíssima Trindade, o Pão de Açúcar, o enfarte, o pulo do gato, os pré-socráticos, etc.

De jeito nenhum era contra essas coisas todas. E ficava muito sem pensamento porque todo mundo parecia necessitar que ele fosse contra essas coisas. Talvez porque não sentissem nele o mesmo espírito de solidariedade para com esse repertório de destacados fenômenos.

Uma vez ficou muitos anos pensando que para tudo andar direito, teria mesmo de ser contra tudo aquilo. Chegou mesmo a imitar os que ficavam vibrando de entusiasmo sendo contra alguma coisa. Mas acabou desistindo por não conseguir agir com a mesma naturalidade dos que imitava. Era realmente impossível ser contra a floresta amazônica, contra o Lago do Cisne, contra o seio da família.

Ele apenas não conseguia entender bem o que eram essas coisas, só isso. Deviam existir, claro, pois todo mundo lhes dava muita importância. “Ah, a pureza das crianças!” E o outro com um respeito solene repetia religioso: “É, a pureza das crianças”. Ou então: “Os doze Césares!” E o outro: “De fato, os Doze Césares!”.

Não dava mesmo para alcançar aquilo. Mas o que lhe parecia estranho era o fato de todo mundo entender perfeitamente aquelas coisas todas. Se fosse tão difícil de entender, o entendimento, é claro, seria para poucos.

Se ao menos conseguisse ser contra! Tudo estaria resolvido. Ser contra ou a favor de alguma coisa nos dá a segurança de que conhecemos o objeto discutido. Pelo menos isso.

Não se sentia sem amigos, sem família, sem o Lago do Cisne, sem o ambiente de trabalho, sem o vale de lágrimas, sem a floresta amazônica, sem o calor humano nem as bestas do Apocalipse.

Mas não podia esquecer, apesar disso, de que faltava muito pouco tempo. O pente, a cama, a tesourinha de unha, o garfo e o prato, a camisa esporte, o desodorante, o caderninho com os números dos telefones, o banheiro, os trocados para as gorjetas, a gravata, a cueca, o smoking, as frases certas para as pessoas e os momentos exatos, essas coisas precisavam estar à mão, preparadas, organizadas, verificadas porque faltava muito pouco tempo. E um pequeno descuido, pronto, tudo iria por água abaixo.

Já nem sabia mais quanto tempo, quantos anos haviam se passado desde que teve certeza de que faltava muito pouco tempo. Hoje, de repente, sua ansiedade chegou àquele limite máximo onde se torna difícil perceber se ainda estamos vivos ou se já estamos mortos. E sem querer viu que o vale de lágrimas, a dignidade humana, o Vesúvio, a escova de dentes, o imperativo categórico, a tocata e fuga, o cordão de isolamento, a garrafa de vinho branco, a filosofia perene, os ideais democráticos, o tremendo libelo, o maço de cigarros, não

eram diferentes do vai tudo por água abaixo, do falta muito pouco tempo, do é preciso ter muito cuidado.

A METAMORFOSE DO NARCISO

Finalmente ele chegou.

Primeira impressão: profunda decepção.

Havia um silêncio tão calado que dava para se ouvir o caminhar do sangue devagarzinho pelas veias do corpo. E esse fluir calmo do sangue pelas veias era também o único movimento que podia perceber na imobilidade abafada que havia ao seu redor por milhas e milhas de espaço vazio.

Sentou-se em uma pedra, tirou do bolso um cigarro, mas logo se lembrou de que havia perdido a caixa de fósforo quando caiu no último obstáculo da viagem. Esmagou o cigarro entre os dedos cheio de ódio e deu uma gargalhada. De uns tempos para cá, sem que soubesse a razão, tinha adquirido o hábito de dar longas gargalhadas sempre que mais um fato negativo lhe acontecia. Talvez para rir com força de si mesmo, da inutilidade que se tornara, talvez para ainda provar que estava vivo. Mas não pensava nessas coisas. Apenas ria com muita força.

— “Puxa vida, que diabo vou agora fazer com esse maldito silêncio por fora de mim?”

Mas logo levou um susto tão grande que nem deu para soltar a gargalhada. Levantou-se num pulo porque sentiu ou pensou sentir alguma coisa parecida com picada de aranha. E ao se levantar e procurar na pedra em que se sentava a possível aranha ou o que fosse, viu que não havia nem aranha, nem a tal pedra.

Apavorado, esticou a vista para todos os lados e nada, não havia mais nada, olhando para o céu não viu nuvens e nem mesmo o azul ou cinzento e para qualquer direção que olhasse tudo era nada, não havia formas, nem cores, nem terra, nem grama, nem arbustos, nada, tudo vazio.

Mas quando estendeu o braço, viu que seu braço, sua mão, eram bem visíveis, estavam ali, bem ali, claros, visíveis diante de seus

olhos, do mesmo jeito que sempre estiveram e viu também suas pernas, seus sapatos, a calça, a cinta na cintura, a camisa, reparou que seu relógio de pulso estava parado, mas nem ligou porque o importante é que conseguia vê-lo.

“Meu Deus! E essa agora? Claro que não estou cego. Mas não enxergo mais nada além de mim. Só enxergo a mim mesmo. Fora de mim é o nada absoluto. Mas claro que não estou cego. Nunca fui cego, mas quando a gente fecha os olhos, tudo fica escuro, deve ser a mesma coisa com os cegos. Desaparece a luz e tudo é só escuridão para sempre. Mas a luz não desapareceu. Pelo contrário ela parece mais intensa. Só vejo luz, não há mais formas, cores. Há sim, claro que há, há mas não posso ver, só sentir com as mãos. Meu Deus, o que será isso! Se não descobrir vou acabar ficando louco. Mas antes eu me mato. Não vou aguentar, já não estou aguentando, é sufocante... mas claro que não estou cego, ah, bem que eu preferia estar cego, mas não estou pois vejo luz, muita luz e consigo também ver a mim mesmo claramente. E agora, Meu Deus? Será que estou morto? Será possível que morri sem ter percebido? Meu Deus, onde será que posso achar alguma coisa que sirva para tirar minha vida, não estou aguentando, minha respiração...

— Como é? Como foi sua viagem?

— O quê? Quem está aí? Quem está aí, pelo amor de Deus!

— Psssiu. Não adianta. Por mais que se esforce não conseguirá me ver. Aceita um copo de leite?

— Pelo amor de Deus, não aumente meu sofrimento! Não está vendo que estou desesperado? Tenha piedade, um pouco de compaixão. Mostre-se, pelo amor de Deus. Isto tudo está me deixando louco...

— Calma, não precisa ficar tão assustado. Você está entre amigos...

— Entre amigos! Então há mais alguém? Vão me bater, me torturar, pelo amor de Deus, não me façam mal, eu não fiz nada, não fiz mal a ninguém. Mas quem é, quem está aí, fale, fale...

Ah, meu Deus, o que eu teria feito, o que fiz para merecer isso?

— O que fez? Então já se esqueceu? Já se esqueceu de quando começou a se afastar das pessoas? Lembra-se? Primeiro foram as chamadas relações de trabalho, está lembrado? Você parou de trabalhar porque dizia não aguentar o contato com pessoas que não tinham nada em comum com você. Dizia ser impossível conviver com quem só pensava em progredir, em ganhar dinheiro, em ser alguém na vida. E você odiava o chamado espírito de competição. Você sofria com os jogos de interesses, com as hipocrisias, os golpes sujos, lembra-se? E foi se afastando e se afastando, se afastando e no fim você fugia fisicamente dos outros, de todo mundo, lembra-se? Não atendia mais à campainha da porta de sua casa, nem ao telefone que acabaram desligando...

— É claro que me lembro disso tudo. Mas como você sabe dessas coisas? Quem é você? É uma mulher, não é? Tem voz de mulher...

— Quer um copo de leite? Está fresquinho. . .

— Não, não quero leite nenhum! Quero é uma explicação para tudo isso.

— Explicação? Mas que bobagem, meu querido. Você sempre viveu procurando explicações, sempre querendo explicações, sempre querendo explicar tudo, explicar a si mesmo, aos outros, a vida, a morte. E o que adiantou? Entendeu alguma coisa? Claro que não. Sempre estive tão confuso como está agora.

— Por favor, onde estou e o que está acontecendo comigo? Não aguento mais. Me mate que é melhor. Eu quero morrer, quero morrer, não aguento mais, pelo amor de Deus! O que está acontecendo comigo?

— Não está acontecendo nada e está acontecendo tudo. Como sempre acontece, aconteceu e acontecerá com todo mundo.

— Mas como não está acontecendo nada? Eu olho e não vejo...

— E antes? Você olhava e via alguma coisa? Você só via a você mesmo. Em tudo que olhava, só havia você. Procure se lembrar.

— E você, como você é?

— Eu? Adivinhe!

— Ah, não, pelo amor de Deus. Isso não é hora de brincadeira de namorado. Tenha pena de mim, pelo amor de Deus. Não dá para perceber que estou apavorado, desesperado, à beira da morte?

— Então não quer mais saber como sou? Não tem nenhum interesse por mim? Não será por isso que não consegue me enxergar?

— Não, não, não, me poupe, não me torture! Talvez eu mereça ser castigado. Mas não com filosofia barata e moralista. Foi por não aguentar ouvir e participar de lugares-comuns que fui me afastando dos outros. E será que estava mesmo errado? Será que o correto é ser vulgar, estúpido, pobre de imaginação, vazio de criatividade e conviver com frente que só fala o óbvio...

— Hoje você venceu, não é? É o homem mais diferente, menos lugar-comum que existe. Está satisfeito ou quer ainda ir mais além? Sabe o que é ir mais além do que isso que você é agora?

— Chega, chega! Quem é você?

— Quer saber mesmo? Dê um palpite. Sou loira ou morena? E meu corpo...

— É, não adianta mesmo. O que quero saber é se você é como eu, entende?

— Claro que não. Primeiro, porque sou mulher. E segundo, porque não existe ninguém igual ao outro no mundo. Você já pensou que maravilha que é isso, que festa?

— Você também não enxerga formas e cores?

— Não. Sinto muito mas esse é um privilégio seu, meu querido... Mas venha cá, vamos, não tenha medo. Isso, assim, não

tenha medo, está sentindo minha mão? Quentinha, não é? Isso, ótimo, puxa, como sua mão está fria! Agora vamos, me abrace, me abrace, bobinho, não tenha medo, pode me abraçar... assim, isso, que tal? Não é bom? Está gostando? Meu corpo, hein, gosta de meu corpo, gosta? Vamos, não tenha medo, agora tome o leite, tome, vamos, não tenha medo, é leite puro, vai te fazer bem, isso, não, não, tome o copo inteirinho, assim, muito bem... Não, não, sem pensar, sem ficar pensando, não pense em coisa alguma, cabeça vazia e tranquila, assim, fique bem concentrado.

O homem e a mulher se encontraram profundamente e depois ele dormiu um sono que durou muitos anos. Mas ao acordar percebeu deslumbrado que pela primeira vez na vida havia deitado com uma mulher e não apenas consigo mesmo como quando das outras mulheres que teve nos braços.

Sentiu que pela primeira vez havia sentido outro corpo tão igual ao dele ao mesmo tempo tão diferente. Que coisa maravilhosa que era aquele ritmo de dois em um só.

Levantou-se do longo sono, bocejou uma preguiça gostosa, respirou fundo sentindo um perfume cheio de primavera. Caminhou sem rumo e sem tempo e quando viu estava à beira de um lago de água muito mansa e espelhada, que refletia bem claro a imagem do sol. Que felicidade, meu Deus! “Sou um homem novo, inteirinho novo, por dentro e por fora e tudo é novo ao meu redor. Como foi possível eu ter chegado ao que cheguei? Que túnel, meu Deus... não, deve ter sido um sonho, um pesadelo. Hoje vejo tudo tão claramente e é tudo tão gostoso de olhar... Incrível como existem tantas coisas no mundo e tudo tão brilhante, tão colorido, tão cheio de luz e de vida. E cada coisa é tão diferente uma da outra e tão igual em sua vitalidade, sua vibração de vida.”

Então sentiu sede e abaixou-se à beira do lago que refletia o disco dourado do sol. E foi então que não viu a coisa mais maravilhosa de sua vida: não viu seu rosto refletido nas águas. As

mãos em concha que traziam a água à boca, também não viu. Só viu a água fresquinha e limpa brilhando ao sol. E teve uma sensação gostosa de que aquela água era ele.

Mas, olhando com mais atenção percebeu que tanto ele como a água estavam ali. Só que não dava para saber onde terminava ele e onde começava a água. E mais: tudo que via agora estava o tempo todo aparecendo e desaparecendo, sem poder afirmar se as coisas e ele mesmo existiam ou não existiam.

DEPOIS DA TEMPESTADE

Chuva forte escura noite gelada nos galhos loucos de árvores em luta feroz com a ventania. O cavalo mais uma vez querendo parar e você sabendo que teria de ser mais forte que ele, mais rápido que o vento, mais lúcido e nortado que nunca para vencer a força feroz em caos da noite negra.

A lua molhada e cinzenta aparecia e desaparecia lá no alto num brilho fosco. Ou era no bojo da esperança que fica no lado de trás das bolas dos olhos que você estava vendo a lua?

É hoje ou nunca! Você vai gritando por dentro do seu medo para fazê-lo pensar que ainda tem condições de vitória.

A noite é forte. A noite conhece seus pontos fracos. E sabe enfraquecer seus pontos fortes. A noite trabalha dentro de você. Saiba disso. Se já sabe, fique atento.

Que dia foi que a noite começou sua invasão?

Você sabe que não adianta mais ter uma consciência histórica. Que dia foi? Que ano? Foi antes de você nascer? Foram os gregos, os persas, foram os hebraicos ou os primitivos com seus deuses ferozes? Você não aguenta mais pesquisar causas, não é?

Você não tem mais tempo para se debruçar no tempo procurando portas e janelas.

A noite está na sua cara. A noite já é a sua cara.

O cavalo agora anda em passos cansados, manca de uma perna, sangra nas chagas.

Forçar mais a estrela pontiaguda da espora que agora afunda na carne cortada do animal você sabe que não adianta. O cavalo não galopa mais. Suas pernas já têm dificuldades de sair da lama para os novos passos lentos de sofrimento.

A noite está crescendo por fora e por dentro de você, a luz baça e cinzenta da lua foi até ontem, mas há muito tempo você sabe que no céu não há mais nem sinal de lua. Até ontem ainda havia traços

apagados dela mas só em você, na sua desesperada memória de lua. Era talvez sua última ligação com a luz.

Mas você não quer ser noite. E luta, se é que isso que ainda está fazendo pode ser chamado de luta. Pode?

A vida sempre vence a morte! Pelo amor de Deus, me diga se isso é verdade?

É para mim que está perguntando? Respondeu o cavalo quase morto.

Muito bem. A noite acabou. O sol nasceu na hora que achou que devia, mas bem depois da tempestade partir.

O homem e seu cavalo estavam mortos sobre a lama que o sol começava a aquecer naquela manhã muito fresca e novinha que costumam chamar de radiosa.

E então o sol bocejou despreocupado e disse:

— É, tem mesmo muita sabedoria nessa história de que depois da tempestade sempre vem a bonança.

Após a noite sempre vem o dia.

Ou então aquela outra que acho ótima: no bojo da noite mais negra o dia já está germinando.

Bom, pelo menos sob meu dourado ponto de vista.

O PRIMEIRO HOMEM

A cobra vermelha levantou a cabeça, dilatou as narinas, molhou os lábios antes de dar o bote certo na jovem nua que não teve tempo de fugir.

O homem nu que brincava com a jovem sentiu a cobra ouvindo seu caminhar por entre as folhas secas do bosque. E saltou para longe, trepando em seguida na árvore mais próxima. De lá olhou a cena. Sentia-se covarde, mas seguro.

A cena: a serpente acabava de picar a jovem no seio esquerdo e ela não gritou por socorro, nem correu, nem mostrou sinal de medo e também não morreu. Ficou um pouco tonta, parecia desacordada. Mas logo o homem reparou que ela sorria e cantava muito alegre, cheia de vida, entusiasmada não sabia com quê. Viu que começava também a dançar, cantava e dançava cheia de deslumbramento e tudo parecia assim um ritual de primavera muito encantado nos sentidos todos.

Que coisa mais esquisita, pensou o homem. O que teria acontecido? E o mais estranho é que a cobra parecia estar se transformando num jovem lindo e forte de corpo dourado e a pele untada de mel perfumado.

Aquele festim pastoral com muito riso, gritinhos, perfume profundo e quente era coisa que nunca tinha visto ou ouvido falar. Achou bonito e, se tivesse um pouco mais de coragem, teria pulado da árvore para se juntar aos dois.

Uma hora durou aquilo. E de repente, o homem viu que a jovem estava sozinha deitada sobre as folhas secas onde antes a deixara. E a jovem dormia com um sorriso nos lábios.

O homem certificou-se que não havia mais cobra por perto, apurou bem seus sentidos, principalmente o sexto e confirmando a não existência de perigo numa área bem grande, desceu da árvore e foi acordar a jovem.

— Você está bem?

— Eu? O quê? Ah, é você.

Esse *ah, é você*, que a jovem disse assim que acordou e viu seu companheiro, deixou este muito desapontado. Ainda se ela tivesse gritado com ele, tivesse dito que era um covarde, um frouxo, um medroso por ter fugido da cobra e deixado ela ali, desprotegida, se ela tivesse brigado com ele e prometido chorando que nunca mais queria vê-lo outra vez... tudo isso seria melhor que o seco e desinteressado, *ah, é você*.

— Sim, sou eu! Você está bem?

— Eu? Mas eu estou ótima. Maravilhosa! Sou a mulher mais feliz do mundo.

— A mulher mais feliz do mundo! Que coisa mais ridícula. Você é a única mulher do mundo...

— Não faz mal, continuo sendo a mulher mais feliz do mundo porque é assim que me sinto. E você, como se sente como o único homem do mundo?

— Não gostei da brincadeira. Alguma coisa estranha, muito estranha e ameaçadora deve estar acontecendo. Não estou gostando nada. Acabo de ver você fazer coisas que nunca fez antes e, pior que isso, gostou muito do que fez.

— Eu? Mas eu não fiz nada, meu bem. Você sabe que estou inocente ...

— Bem que Ele nos disse para não tomar muito sol na cabeça nos meses de verão. Eu tenho seguido sempre à risca as recomendações e proibições dele. E você? Outro dia começou a mexer naquele fruto proibido, lembra-se? Ele disse que nem tocar no tal fruto a gente podia. Você ainda vai acabar se machucando, se é que entende o que quero dizer. E agora esse negócio de tomar banho de sol o dia todo à beira do lago azul. Sei que é gostoso, mas tudo deve ser feito sem exagero, como Ele explicou. Veja, tomou tanto sol na cabeça que agora já começa a ver coisas, a imaginar acontecimentos.

— O quê, então você quer dizer que tudo aquilo que acaba de se passar diante dos meus olhos entre você e... e..., não importa quem, que tudo aquilo foi apenas minha imaginação?

— Claro, benzinho. Você sabe que só somos nós dois no mundo. Sou a mulher mais fiel que existe e você também o homem mais fiel. Jamais poderemos ser infiéis.

— Ah, muito bem, e você diz isso com essa cara de tristeza, de nostalgia, como se no fundo fosse uma condenação?

— Não, meu amor, eu acho que se é assim que Ele quer, assim será para sempre.

E com mais algumas discussões, terminou aquele dia diferente no Jardim do Eden. Mas ele começou a sofrer por sentir que a mulher era diferente do homem. Parecia tão naturalmente ambígua. . .

Nove meses depois a jovem dava à luz um filho nada parecido com seu companheiro. Durante a gravidez, ele brigou o tempo todo com ela. Era um homem muito observador e conhecia muito bem a maneira como os animais da floresta-jardim se acasalavam, via como as fêmeas engordavam depois de algum tempo e nunca deixou de observar que as crias saíam das barrigas delas. Não havia portanto nenhuma dúvida de que tinha sido traído. Se deitasse com sua companheira, pronto, teria de enfrentar a ira dos céus! Era a proibição maior que existia e ela lhe estava sempre lembrando isso. E por que diabo os animais podiam se divertir com as companheiras e ele não? E o galo? Tinha vez que o galo brincava com quatro ou cinco galinhas num só dia. E ele ali, vítima da proibição divina. Por quê? por quê? O que tinha feito de errado? . .

Mas num dia de inverno, quando recolhia alguma lenha para aquecer a família, ouviu sua companheira cochichando com o filho e dando risadinhas maliciosas. Desconfiou daquilo. E desse dia em diante passou a observá-los com maior atenção. Mas antes não tivesse feito.

O filho já estava com uns doze anos e era lindo como o ser encantado que viu aquela manhã no jardim quando fugiu da cobra.

E numa manhã de primavera quando tomava seu banho de sol à beira do lago azul percebeu uns ruídos estranhos a uns cinquenta metros e onde havia uma folhagem densa de arbustos carregados de flores lá estavam sua mulher e seu filho. Aproximou-se e ela dizia para o menino:

— Pronto, agora se ajoelhe e reze para o Nosso pai. Mas não se esqueça, heim, nem uma palavra para ninguém. Só nós podemos saber disso, é um segredo. E o menino ajoelhado rezou agradecendo pela boa vida que levava no Jardim do Eden.

Pronto. Era o que esperava que fosse, incrível mas era, só poderia ser, aquela sem vergonha, adúltera e incestuosa, “preciso matá-la”.

Mas o pai onipresente como só ele sabia ser, ouviu o pensamento do homem e foi esperá-lo, disfarçado desta vez não mais em uma cobra, mas em um machado de pedra.

E quando o homem chegou ao machado e pôs a mão raivosa em seu cabo, ele se revelou e disse:

— Meu filho, você continua errado, ingênuo e contra a natureza

— Como? Mas... é o senhor?!

— Sim, sou eu. Você não entendeu nada desde o início. Sua mulher sim, ela foi uma boa criação. É maliciosa, astuta, e, sobretudo, entende profundamente de natureza. Segue as palavras, as regras, as proibições, mas não com fanatismo. Ou com medo, como você. Ela entendeu o sentido profundo das proibições. Ela soube interpretar minha vontade. Ela viu, sem precisar falar, discutir ou especular, que as proibições fazem parte do grande jogo.

— Jogo?

— Claro. Tudo é um jogo. Na realidade, eu sou apenas o proprietário do maior cassino que existe. Toda a minha criação está baseada no sim e no não, entende? Não, acho que você não entende.

Você me saiu apenas um medroso moralista. Sem o sim e sem o não, sem o jogo entre essas duas forças que incluem até o chamado mistério da vida e da morte (a vida é o sim e a morte é o não), sem esse ritmo de contrários aparentes, a vida não existiria, nada existiria. E você não entendeu nada! Pobre racional. Desculpe, mas você é inferior a qualquer dos animais que criei. Felizmente a correção que fiz há uns treze anos atrás deu certo...

— Mas então...

— Isso mesmo. Meu segundo filho entendeu o jogo.

— Seu segundo filho?

— Bem, na realidade é o segundo filho homem, mas o terceiro se contarmos que ela também é minha filha.

— Mas então, só o senhor é que pode ter filho? E como é que os animais podem eles mesmos ter filho sem precisar de sua interferência?

— Sem precisar de minha interferência? Santa ignorância. Eu estou em todas as coisas o tempo todo. Eu sou todas as coisas que existiram, existem e venham a existir. Eu não tenho começo e nem fim, no tempo e no espaço. E na realidade, vendo a coisa de maneira mais profunda, eu não existo. Não sei se entende? Ah, desculpe, esqueci de que você não entende nem coisas óbvias. Mas é isso. Tudo sou eu e eu sou tudo. E não sou nada. E daqui a muito tempo haverá um poeta romano chamado Ovídio que dirá: “Os deuses são úteis, e por serem úteis, acreditamos que eles existem.”

— Desculpe, mas ainda não me respondeu porque só os homens é que não podem... o senhor entende, não é?

— Sim, eu entendo tudo, não precisa ser reticente.

— E então?

— Então o quê?

— Ora, porque o senhor não deixa que também os homens tratem sozinhos dos assuntos sexuais e da fecundação, etc.? Por quê?

Será por acaso, e me desculpe o sacrilégio, mas será que não é porque o senhor goste...

— Gostar de quê? Pode ser claro, não sou moralista.

— Sabe do que estou falando. Será que o senhor tem preconceitos? Que o senhor discrimina entre seus filhos? Será que o senhor não tem prazer...

— Que ridículo. Você é mesmo uma criação frustrada. Ouça: quando criei você e sua companheira, era com a intenção de que fizessem o mesmo que fazem os animais. Isto é, que fossem autônomos em termos de procriação. Mas você não entendeu nada. Não entendeu o sentido profundo da proibição.

— Mas...

— Sinto muito. Você terá que sofrer uma metamorfose. Vou transformá-lo em árvore. Não, deixa eu ver... árvore também não, é arriscado, poderá entender que não pode soltar as sementes na terra, por pudor ou por medo, sei lá, é mais seguro transformá-lo em pedra, é, pedra está bom, pelo menos por enquanto, acho que como pedra não irá me dar trabalho.

Assim ele falou e fez.

E agora sabemos que o Adão histórico que conhecemos, aquele que foi divinamente tentado por Eva, não foi o primeiro homem.



PENSADOR

Caminhou, caminhou até que chegou.

Era um lugar lindo cheio de flores à beira de um lago azul. Sentou-se cansado sob uma árvore de grande sombra e afirmou:

— Bem, este é o lugar. Aqui vou recomeçar minha vida.

Para ele a vida tinha parado já há bastante tempo. Talvez ainda quando criança, quando criança quando começou a perceber que estava sozinho. Tinha pai, tinha mãe, tinha irmãos, parentes, amigos, tinha comida sempre na mesa, tinha cama para dormir, brinquedos para brincar. Mas sentiu que não era como os outros. Os outros pareciam não estar preocupados com nada. Faziam as coisas todas naturalmente, ficavam contentes quando eram coisas boas de fazer e muito bravos quando eram coisas desagradáveis. E nessas horas, quando as coisas não iam bem, choravam, xingavam, resmungavam, mas logo que tudo melhorava, chamavam o acontecido de azar ou de coisas da vida e continuavam vivendo como sempre planejando o futuro ou simplesmente lutando com o presente. Não com ele. Com ele não era assim. Queria entender. Queria encontrar um jeito de viver sem problemas, sem dor, sem ficar à mercê dos acontecimentos.

E assim, não se sentia ligado a ninguém. Como poderia se julgar ligado, identificado com pessoas que aceitavam a vida como ela é? A vida não poderia ser só aquilo. Ficava bonzinho e seu pai lhe dava um doce. Fazia coisas que tinha vontade de fazer e seu pai lhe dava uma surra. Como aceitar uma vida tão óbvia, tão programada, tão limitada e previsível?

Foi ainda em criança então que adquiriu o terrível vício de pensar sobre si mesmo e sobre a vida em vez de simplesmente viver como todo mundo.

Foi ainda criança portanto que se viu sozinho porque não encontrava ninguém que estivesse realmente interessado em entender o que estava acontecendo. “Por que você vai à escola?” “Sei lá?”

Nunca pensei nisso. Mas se eu não for, meu pai me põe de castigo”. “E você? Porque vai à escola?”. “Ora, vou à escola para ser alguém na vida”. “E o que é ser alguém na vida?” “Que pergunta mais boba! Você não sabe o que é ser alguém na vida? Quem não sabe isso, nunca será nada na vida, seu bobo”. Uma vez, quando lhe chamaram para jogar futebol, faltava um jogador no time, ele perguntou: “Bom, eu vou. Mas só depois de descobrir qual o sentido de eu jogar futebol. Que adianta eu jogar só hoje? Veja, eu não pretendo me tornar um jogador de futebol e assim qual o sentido de eu jogar hoje se sei que não vou continuar? Qual o sentido de jogar futebol? E mesmo que eu me torne um grande jogador, o maior do mundo, e daí? Um jogador famoso por acaso fica livre do sofrimento, fica livre de ter doença, de ficar velho, de morrer? Você acha que o pai e a mãe do jogador não morrem? Não, ser jogador de futebol não resolve nada. Não vale a pena eu me cansar correndo feito um bobo pelo campo”.

Assim, a vida do nosso herói começou muito cedo pelos caminhos da procura de uma segurança total, de uma segurança absoluta e definitiva que lhe permitisse viver o tempo todo despreocupado. Estar despreocupado para ele queria dizer liberdade. Mas sabia que não iria adiantar nada a despreocupação de muitos que conhecia: pessoas que viviam dormindo acordadas, pessoas que não conseguiam sentir profundamente nada do que estava acontecendo ao seu redor ou dentro de si mesmos. Eram despreocupados por atitude, por medo de enfrentar os problemas, por excesso de sono e de inconsciência. Eram mortos-vivos.

Nosso herói só aceitaria ser um despreocupado, sua meta, quando tivesse resolvido, em princípio, todos os problemas. Ou pelo menos tivesse encontrado fórmulas seguras de resolução que iria aplicando a todos os problemas que aparecessem. Porque ele sabia muito bem ser impossível viver sem problemas, mas acreditava que deveria haver fórmulas, métodos seguros e definitivos que pudesse aplicar quando necessário.

E assim sua vida se desenvolveu quase que totalmente nesse sentido, isto é, na procura de um conjunto de fórmulas perfeitas para enfrentar com sucesso qualquer situação da vida.

E o resto de sua atividade vital ficou naturalmente para um segundo ou até para um terceiro plano. E o que seria esse resto de sua atividade vital? Vamos ver.

Em criança, os brinquedos e os jogos, bem como toda a molecagem natural da idade, eram sempre questionados rigorosamente por ele. Certo ou errado? Devo ou não devo me entregar a isto? Será que vale a pena? E como as respostas que obtinha de si mesmo nunca eram plenamente satisfatórias, acabava brincando com os irmãos e amigos ou jogando ou fazendo molecagens, mas só para não se sentir isolado, sozinho num canto. Na realidade, não brincava, nem jogava, nem se libertava nas molecagens porque fazia tudo isso contra a vontade, ou melhor, fazia não fazendo, fazia sem se entregar ao que estava fazendo. Fazia pensando, fazia enquanto queimava a cabeça na procura de uma solução, de uma resposta, de um sentido para o que fazia. Mas sobretudo queimava os miolos querendo saber se devia ou não, se valia a pena ou não a pena, qual o sentido daquilo, etc. Aos quatorze anos, meteu uma frase na cabeça que durou longos anos e que servia para se definir a si mesmo na sua ânsia de ter uma imagem nem que fosse para uso próprio: Eu sou aquele que vai-não-indo.

Nessa idade também apaixonou-se pela primeira vez. Bem, apaixonar-se não seria bem o termo. Porque ficava o tempo todo não se deixando apaixonar. Mas alguma coisa dentro dele, muito forte, se recusava a ser bloqueada, alguma coisa que pedia expansão, que exigia um encontro exigia uma outra parte de si mesma. E nosso herói acabou cedendo a essa força interior. Só que não aos quatorze anos e sim aos vinte e oito. E durante esse tempo todo, sua cabeça fervia de dúvidas, fervia na procura de uma resposta: devo ou não devo? O que é o amor? Qual a diferença entre amor e posse? Existe mesmo o amor ou tudo não passa de medo de solidão? Num caso de amor, numa vida

a dois, quem é que deve dirigir, qual dos dois é que deve ser a segurança do casal? O homem é superior à mulher ou não se deve ligar para essas coisas? O que exatamente a mulher quer do homem? E o divórcio? Será que o casamento é uma instituição viva, ou já está superada? E os filhos? E quando acabar o amor entre o marido e a mulher? E a família? O que é a família? A família é uma necessidade? Para quem? Para a própria família ou para seus membros? E as regras do jogo? Existem regras que mantenham o organismo que regula e ao mesmo tempo permitam a liberdade de seus membros?

Com esses pensamentos, com essas perguntas e milhares de outras do gênero nosso herói foi dos quatorze aos vinte e oito anos, quando casou-se. Mas durante os anos de casado, surpreendia-se ainda querendo saber se deveria ou não se casar. Dez anos depois de casado ainda queria saber se o casamento era uma coisa certa ou errada. Não conseguia saber ao certo se estava ou não casado. Continuava indo sem ter ido.

Com trinta e oito anos, seu filho tinha já seis anos. Claro que não chegou à decisão se deveria ou não ter um filho. Mas tanto o filho como o casamento aconteceram no meio de suas dúvidas. Vale a pena pôr um filho no mundo? Num mundo sempre confuso e cheio de incertezas? Qual é o sentido de ser responsável pela criação de um novo ser? Para que mais um ser? Que falta o novo ser fará num mundo superpovoado? Ou será que devemos promover vida? Vivemos para viver e promover vida? Mas por que? Para não ser egoísta? Devo ser egoísta ou generoso? Devo ser cooperativo ou competitivo? Devo viver para ajudar os outros ou ajudar só a mim mesmo? Se eu não me ajudo, quem me ajuda? E Deus? Será que Ele existe? Se não existe, qual o sentido da vida? Bem, o sentido da vida pode existir sem Deus. Mas sem Deus qual seria o sentido da morte? Podemos viver sem Deus. Mas será que poderemos morrer sem Deus? Se não existe Deus, a vida acaba com a morte. Mas será que acaba mesmo?

Mas e se não houver Deus, o que acontece comigo depois da morte? Sem Deus tudo é finito. Mas com Deus, tudo é pecado. Será que Deus recebe todos os que morrem? Ou só quem viveu para o bem? Será que existe o céu e o inferno? Mas se não existir, qual o sentido da moral aqui na Terra?

Mais tarde suas especulações sobre Deus foram ficando cada vez mais sofisticadas e quanto mais requintava suas perguntas, menos conseguia respostas definitivas. E assim ia vivendo sem solucionar também este problema. Foi vivendo como sempre mais nas preocupações, na ansiedade de procurar soluções e respostas do que no ato físico de viver. E nunca se entregando a nada ou a ninguém, nem a nenhuma causa ou doutrina religiosa ou política. Será que as idéias comunistas estão certas? Ou não passam de mais uma tentativa utópica de criar o ideal da justiça social. É, mas e a exploração do homem pelo homem? E o sofrimento todo de multidões escravizadas e humilhadas enquanto uma minoria esbanja alimentos, conforto, prazeres e liberdade? Mas será que pode haver uma civilização inteira com toda a humanidade vivendo sem nenhuma privação material e todo mundo livre sem que nenhum homem seja escravo de outro homem, sem que nenhuma elite controle as expressões naturais de seus controlados, sem que essa elite engorde no poder e volte tudo a ser como antes? Será que sem modificar o homem por dentro, cada homem, poderá haver uma sociedade realmente cooperativa? O que dever vir primeiro? A modificação interna ou a modificação externa? Primeiro é preciso modificar o homem ou primeiro é preciso modificar a sociedade? Até hoje as religiões não conseguiram melhorar todos os homens, nem a maioria deles. Até hoje as doutrinas políticas e sociais não conseguiram criar uma sociedade sem injustiças, uma sociedade de homens cooperativos mas ao mesmo tempo livres. Será que isto não é possível? Mas e se for possível? E se um dia surgir uma doutrina político-social que modifique realmente toda a humanidade?

Também nesse setor o nosso herói não conseguia encontrar uma resposta que fosse definitiva e verdadeira, uma resposta que lhe permitisse entrar inteiro numa causa coletiva ou puramente individual. E sua cabeça continuava fervendo e ele continuava sempre indo sem ir. Seu trabalho era num banco, desde os dezesseis anos onde começou como entregador de correspondência e chegou ao seu cargo mais alto: caixa. E a esta altura seria desnecessário enumerar aqui todas as suas dúvidas e perguntas não respondidas sobre sua atividade profissional.

Mas um dia, quando saía do banco conversando com uns colegas, conversando não, porque estava apenas ouvindo o que diziam ou nem isso, nesse dia que era um dia chuvoso e muito triste, as pessoas todas na rua de cara amarrada, todo mundo mal-humorado correndo da chuva e a barulheira do trânsito ele se sentindo ali massacrado por aquela engrenagem absurda de máquinas e prédios e gente formigando sem rumo e ainda por cima aquela maldita chuva cinzenta fazendo tudo parecer um lamaçal apodrecido, naquele dia o nosso herói ao correr para pegar uma condução, escorregou e caiu chapado no chão junto ao meio fio onde corria uma água suja da poeira, dos pós todos da poluição, de papéis, de cascas de frutas, uma água cheia de lixo que ficou passando por seu rosto ali caído sem mais vontade de se levantar.

E só se levantou porque finalmente naqueles minutos ali prostrado conseguiu tomar a primeira decisão de toda sua vida. Naquele momento, compreendeu que sua vida estava inteira errada. Iria começar tudo de novo, uma vida nova, uma vida outra, assim que se levantasse.

Levantou-se, sorriu contente pela segurança que a decisão lhe deu e... Caminhou, caminhou até que chegou.

Era um lugar lindo de flores à beira de um lago azul. Sentou-se cansado sob uma árvore de grande sombra e afirmou:

— Bem, este é o lugar. Aqui vou recomeçar minha vida. Nosso herói, assim que se sentiu descansado da longa caminhada até aquele lugar muito lindo, resolveu por a cabeça para pensar.

Para pensar nos planos de seu renascimento. Nos planos para recomeçar sua vida.

E estas foram as primeiras perguntas que começaram a surgir em sua cabeça:

—O que exatamente seria começar tudo de novo? O que é renascer? Posso começar tudo de novo sem antes saber o que devo fazer? Será que começando tudo de novo serei um homem realmente livre? Qual seria a forma ideal para eu começar tudo de novo, para viver realmente uma nova vida? Etc., etc., etc...